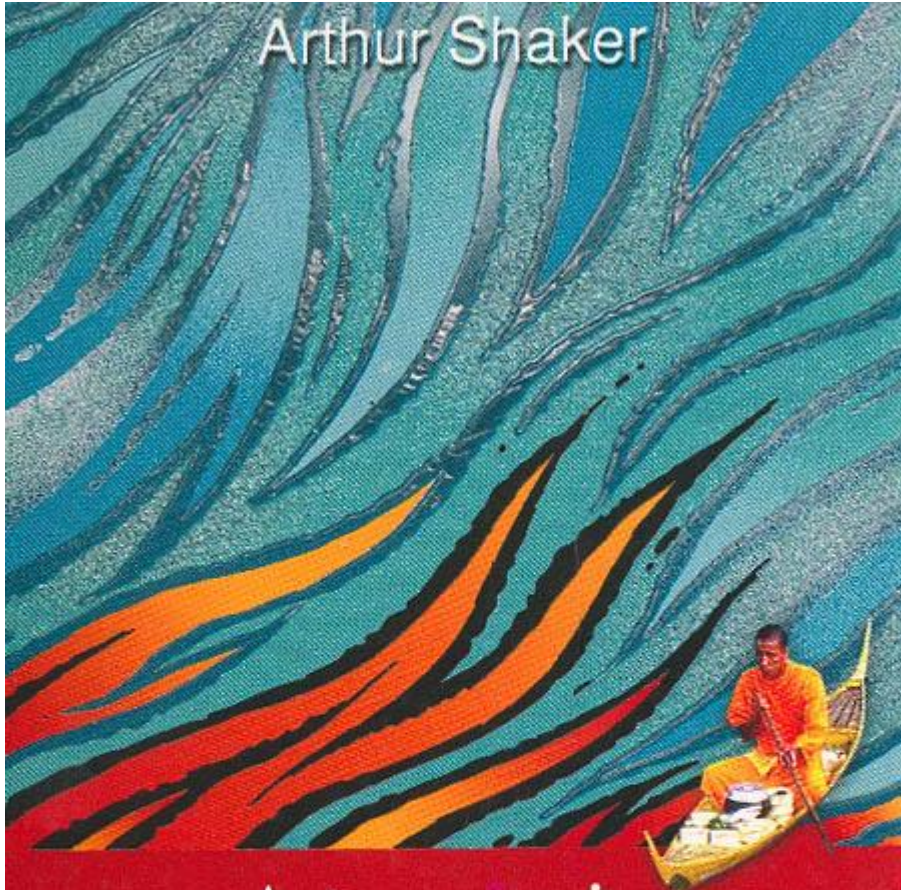




Arthur Shaker



A travessia  
buddhista  
da vida  
e da morte



GYPHUS

Introdução à uma Antropologia Espiritual

***a Travessia Budhista da Vida e da  
Morte***

*Arthur Shaker*

*Introdução a uma Antropologia Espiritual*

**Coleção Visões do Dhamma**

Para a sangha da *Casa de Dharma*

## ***Agradecimentos***

Este livro tem gratidão para com muitas pessoas. Ao Ricardo Sasaki, do Centro Nalanda, por seus méritos na divulgação do Budhismo Theravada; ao Daiju-San e todos os monges Zen; ao Buddhadasa Bhikkhu (*in memoriam*) e seu fiel tradutor Santhikharo Bhikkhu, do Mosteiro de Suan Mokh, Tailândia, com quem iniciamos a prática da meditação Vipassana; ao nosso grande e compassivo mestre Mahathera Venerável Bhante Henepola Gunaratana, orientador da Casa de Dharma e abade do Mosteiro Bhavana Society; ao Cassiano Quillici, fiel parceiro de todos os anos de caminhada dhármica por entre muitos obstáculos; a Cristina Flória, pelo longo esforço e paciência na construção da arte gráfica, digitação e diagramação desse livro; ao Reverendo Imai Kyoya do Templo Honpa Hongang; ao Nissen Cohen, por suas valorosas traduções de textos canônicos pali; ao Venerável Rewatha Dhamma; ao Dr. Mathew Flickstein, do Forest Way, Insight Meditation Center; a Heloisa Pires, por seu olhar na revisão e sugestões no estilo da escrita; a Zlática de Farias; a todos os participantes da Casa de Dharma, com suas presenças e comentários. Certamente houve ainda muitos outros colaboradores amigos, Kalyana Mitta, árvores, ventos, águas, pássaros e tantos outros seres sencientes de todos os reinos, a todos agradecemos.

Nossa gratidão às Três Jóias: ao Buddha, ao Dharma e à todas as Sanghas de monges e leigos.

*Namo Tassa Bhagavato Arahato Sammasambuddhassa*

**Homenagem a Ele, o Abençoado, o Perfeito, o Supremamente Iluminado**

## **Sumário**

### *Introdução*

### *Primeira Parte*

#### ***A Visão Correta***

- I. as Tradições
- II. o Incondicionado e a Natureza
- III. o Lugar do Homem
- IV. a Metafísica, a Religião e as Ciências
- V. Nosso Tempo

### *Segunda Parte*

#### ***a Saúde e a Mente: o Método Correto***

- I. A constituição do homem : a visão espiritual e o reducionismo cartesiano
- II. A vida como doença: Buddha e a busca da cura
- III. A meditação budhista **Vipassana** como prática de cura: saúde e corpo
- IV. A vida como oportunidade de cura e libertação

### *Terceira Parte*

#### ***o Caminho da Meditação***

- I. Meditação e Liberação
- II. Contemplação e Ação
- III. a Contemplação meditativa da Plena Atenção, caminhos
- IV. Meditação e os poderes da mente
- V. Meditação e Conhecimento: algumas perguntas e respostas

## Introdução

*Monges, eu vos ensinarei o **dhamma**, a parábola da balsa para transpor, não para reter. Ouvi-a, prestai bem atenção, e eu falarei. É como um homem, ó monges, que realizando uma viagem viesse a uma grande extensão de água; a margem de cá repleta de perigos e terrores, a margem de lá segura e sem terrores; mas pode suceder que não haja barco para atravessar, não haja ponte, para passar de não-além ao além. Vem-lhe ao espírito que para passar dos perigos desta margem à segurança da outra ele deve fabricar uma balsa de bambus e paus, de galhos e folhagens, de modo que agitando braços e pernas e fiando-se nesta balsa, ele poderia atravessar com segurança até a margem de lá.*

Estas palavras do Buddha, do *Majjhima-Nikaya*, norteiam o rumo e os significados deste livro. Quando percebemos que a margem de cá é repleta de perigos e terrores, a vida em sua fragilidade passageira e cheia de armadilhas, feito poços ocultos que dragam para o fundo do leito do rio os homens incautos, então é preciso atravessar as águas do turbilhão. E rapidamente. Este livro foi escrito para servir de apoio mental a esta travessia.

Vivemos um tempo de muitas incertezas. As ideologias criadas pelo mundo moderno já não oferecem mais um rumo nítido para a humanidade. Para fazermos a travessia por esta existência, precisamos de uma visão correta sobre o mundo e o homem. Só uma visão clara nos dará as diretrizes práticas para essa travessia da vida e da morte.

Onde encontraremos essa visão correta? No patrimônio da sabedoria das tradições espirituais. Elas estão aí, na nossa frente, há milhares de anos. Só que não conhecíamos. E não conhecíamos pelo fato de que os principais centros do saber de nossa época, as escolas e universidades,

desconheciam ou faziam questão de ignorar esse saber. E porquê isso? Porque foi criado uma mentalidade de que esse saber era um "saber religioso", e portanto não-científico. Mas foram muito poucos os que questionaram se esse novo saber moderno, desenraizado da transcendência espiritual, poderia ser de fato chamado de "saber científico". Essas ideologias não se sustentaram, e há um mal-estar e insegurança diante do futuro.

Neste livro vamos trazer algo desse saber milenar. Queremos que seja útil para abrir a mente de um vasto público, tanto de leitores interessados de um modo geral, como daqueles que tem um importante papel na formação humana, como os professores do ensino médio e universitário das várias áreas científicas e culturais, intelectuais, artistas e educadores.

O que vamos apresentar aqui, de forma sucinta, é uma introdução a uma Antropologia espiritual. A Antropologia é a ciência que estuda o Homem, o *Anthropos*. Propomos uma Antropologia que, partindo da raiz metafísica transcendente, mostre como nessa raiz está situado o Homem. Por isso é uma Antropologia espiritual. Dessa compreensão decorre uma *direção* para a *travessia da vida e da morte*. Por isso, esse é um livro ao mesmo tempo teórico, um instrumento para a reflexão antropológica nas escolas e universidades, e prático, como viver essa sabedoria a favor de nossa felicidade e paz.

A partir de uma visão ampla do lugar do Homem dentro do saber espiritual das tradições milenares, o livro se enveredará por um caminho específico, o do saber e prática de uma determinada tradição viva, o *Buddhismo*. Procuramos apresentar com uma linguagem simples e não-banalizada uma introdução ao amplo e profundo corpo doutrinal budhista, situando-o no universo das várias Tradições e dialogando com elas. Isso pode parecer para alguns uma certa heterodoxia ou que as analogias feitas não procedem. Os riscos são reais e estamos abertos para as críticas. Em nossos tempos, o diálogo com outras tradições é muito importante.

O propósito dessa ampla abertura é incentivar a reflexão sobre a riqueza e os nexos mais profundos entre as doutrinas tradicionais, nexos que constituem uma *sophia perennis*, a Sabedoria perene. Por isso este livro

é uma *introdução a uma Antropologia espiritual*, que encaminha uma orientação prática para *a travessia buddhista da vida e da morte*.

O Budhismo tem duas grandes correntes:

*Mahayana*, da qual fazem parte o Budhismo tibetano, o Zen Budhismo e o Budhismo da Terra Pura, originados da expansão do Budhismo pelo Tibet, China, Coréia, Japão e Vietnã;

*Hinayana* ou *Theravada*, originada da expansão do Budhismo pelo sudeste asiático, no Sri Lanka, Birmania, Tailândia, Cambodja e Vietnã. Da Ásia, esse ensinamento vem se difundindo, até nossos dias, pela Europa e Américas.

Dentro e junto ao desenrolar do corpo doutrinal do Budhismo, apresentaremos alguns rumos básicos da prática buddhista, fundamentalmente da escola Theravada. Mas sempre que for interessante, traremos aos olhos do leitor alguns tesouros dos ensinamentos das escolas Mahayana. As diferenças entre as perspectivas deixamos para um outro momento. A despeito das diferenças, a raiz buddhista é a mesma, e o propósito também é o mesmo: alcançarmos a outra margem, o resplandescente **Nibbana**, terra firme, ensinada pelo Buddha e mantida viva até nossos dias por uma cadeia ininterrupta de monges e leigos. Depressa, desperta, triste companheiro.

Como uma onda parceira que quer se adensar para impelir o barco amigo até a outra margem longínqua, o livro avança em três grandes impulsos.

A Primeira Parte, *A Visão Correta*, abre-se em cinco esteios que preparam na praia os arcabouços do barco e o olhar mais amplo do navegante:

*as Tradições* falam destes corpos espirituais integrados de doutrina e método que são oferecidos à humanidade desde sua emergência na existência, dos quais o Budhismo é uma de suas expressões vivas.

*O Incondicionado e a Natureza* fala da Realidade Última, fundamento de partida e chegada, de onde a Natureza provém e para onde retorna, a cada descanso.

*O Lugar do Homem*, como diz o título, procura situar o lugar que cabia ao Homem em uma visão espiritual tradicional, e o que sobrou na triste visão dos dias de hoje.

*A Metafísica, a Religião e as Ciências* pretende suscitar uma aproximação compreensiva de algo que o mundo moderno ocidental já quase perdeu: a intuição para o metafísico, o supra-natural. E com isso iniciar uma reflexão sobre a idéia dominante moderna de que a Ciência é a senhora única legisladora da verdade, e se isto não esconderia certas confusões sobre o que é uma Ciência, seu campo de direito e sua forma de olhar a realidade, porque existem as realidades do mundo e a Realidade Última.

E por fim, *Nosso Tempo*, sobre alguns dos desafios hoje colocadas aos verdadeiros e ousados Navegantes, principalmente a importância da vinculação a uma tradição legítima, pois nestes tempos proliferam as seitas e aventuras místicas, inúteis esforços atrás de miragens de asfalto quente.

A Segunda Parte, *a Saúde e a Mente: o Método Correto*, adentra já no campo da mente e do corpo, saúde e doença:

*A Constituição do homem: a visão espiritual e o reducionismo cartesiano* alerta sobre as dificuldades que a visão moderna atual do homem traz para o lidar com a natureza humana e sua libertação.

*A Vida como doença: Buddha e a busca da cura* trabalha sobre aquilo que os autores tradicionais chamam de “a superstição da vida”, em que hoje em dia se vive mergulhado. Trata-se do apego que quer absolutizar, eternizar a realidade efêmera desta existência, anuviando da mente a recordação de que a terra firme não é esta aqui.



*A meditação budhista Vipassanā como prática de cura* introduz a noção fundamental para o Budhismo, de que sem meditação não há sabedoria, não há emancipação, não há cura. Que há as pequenas saúdes e a grande Saúde.

*A vida como oportunidade de cura e libertação* procura mostrar que nossa vida não deve ser motivo de desprezo e descuido, como muitos críticos desavisados pretenderam atribuir ao Budhismo, e a tantas outras religiões, mas valorizar a vida, o raro nascimento como ser humano, como uma jóia de oportunidade para atingir **Nibbana**, a definitiva cura dos apegos, ilusões e sofrimentos.

A Terceira Parte, *o Caminho da Meditação*, apresenta de modo mais aprofundado as orientações budhistas sobre a prática central, a meditação, e na sua forma ensinada pelo Buddha, a meditação Vipassanā, a técnica de ver a realidade desde dentro, de nós, do mundo, pois o barco é um só:

*Meditação e Liberação*, desenvolve o importante tema de **Pattica Samupada**, a Cadeia dos Doze Elos da Originação Dependente, que lança os seres na Roda do Samsara, aí os mantendo presos aos ciclos de nascer e morrer.

*Contemplação e Ação* procura esclarecer algo deste mal-entendido moderno sobre a suposta passividade dos contemplativos, em oposição ao dinamismo engajado dos ativistas.

*A Contemplação da Plena Atenção, caminhos*, é o coração da parte prática deste livro, pois, como para todos os budhistas, a contemplação meditativa é a prática central. Neste capítulo procuramos apresentar de modo resumido e acessível, noções importantes do caminho ensinado pelo Buddha, como as Quatro Nobres Verdades, o Nobre Ócuplo Caminho, os estados existenciais e as consciências a eles ligadas, e os estados supra-mundanos, até a realização definitiva em **Nibbana**.

*Meditação e os poderes da mente* alerta sobre os perigos da pretendida busca dos poderes mentais, estimulada equivocadamente pelas seitas modernas como sendo a meta do caminho espiritual.

E por fim, *Meditação e Conhecimento*, em que se procura responder algumas das perguntas em torno deste tema, feitas em cursos, retiros e palestras. Ao final do livro, há uma sugestão de algumas leituras importantes sobre os temas, o que não significa que sejam as únicas.

Concluindo, lembramos que o estudo, a compreensão doutrinal correta é importante, nenhum bom navegante se aventuraria no tenebroso mar sem consultar os mapas e timoneiros experientes, mas também nenhum de nós se iludiria de que a travessia é apenas sentar na praia e estudar os mapas.

*Rumo a proa entre os rochedos, tena'es navegantes  
que ele é pujante, é o rei, o senhor mar em fúrias!*

*Olho firme no horizonte, fiel timoneiro  
ou naufrágios seremos, em feroz a luta  
mistério, eminente, ou absurdo, labuta.*

*O autor  
São Paulo, março de 2001.*

*Primeira Parte*

**A Visão Correta**

# I

## as Tradições

### Ilustração I

Noite de lua cheia, maio. Buddha Shakyamuni alcança a Sabedoria Plena. Esta data, Vesak, é muito propícia ao Budhismo. Todo ano, esta noite de lua cheia de maio evoca a Iluminação de Buddha. Convida todos a alcançarem sua realização interior. Mas não é necessário esperar por alguma data especial como esta. Agora é sempre o melhor momento, iniciemos o caminho de Buddha.

O caminho: quem hoje dará sua vida ao seu caminho?

Imersa no devaneio da existência, nossa mente vive sonhando, distraída em planos e ambições, dispersa. Ganhar mais dinheiro, um novo carro, uma promoção, o futuro. Não vê, o breve que é a vida do homem. Um sonho efêmero acompanhado de muitos males. Ocasionalmente, por

vezes premidos por grande desespero, emerge em nossa mente a perturbadora pergunta: o que significa a existência em que nascemos, envelhecemos e morremos? Inexorável é o confronto de todos os seres, com sua morte. Gostemos ou não. Vede, ali: os peixes se debatem, nas águas rasas que já secam. Convém que te apresses, o tempo escorre como areia por entre os dedos de tua mão.

O caminho de realização espiritual está inscrito dentro do homem como possibilidade. A Plenitude. Sua realização foi e é o coração das Tradições.

A palavra **Tradição**, seu verdadeiro significado e conteúdo, aos poucos se perdeu no Ocidente. Perda que tornou as realidades divinas de difícil entendimento e acesso aos homens destes tempos. O próprio nome destas realidades se tornou obscuro, acompanhando a obscuridade da modernidade.

No Ocidente, o termo Tradição foi associado ao costume, o repetitivo e mecânico, o passado: “Ah! isso é muito tradicional”. A palavra Tradição foi apropriada, de modo incorreto, para designar também outras realidades que nada tem a ver com seu sentido verdadeiro, como instituições sociais de ideologia duvidosa e até organizações comerciais que se afirmam avalizadas por uma “tradição de vinte anos”! Também usado para referir-se ao folclórico, cultivado como reminiscência de um passado, ou o atrasado, o conceito de Tradição passou a ser desqualificado através de pré-conceitos, de muita ignorância, como se fosse o que já está fora de época, ultrapassado pela História. Criou-se uma noção valorativa de progresso e evolução, em que os povos tradicionais estariam distribuídos nas várias fases primitivas de uma linha ascendente de progresso da História, progresso definido pelo nível de domínio tecnológico. O mundo moderno ocuparia o topo dessa linha ascendente. A Tradição seria caractere de povos sem escrita e sem domínio tecnológico, ainda presos a superstições sem base científica. Seriam povos “primitivos”. O retrógrado, contra o progresso.

O Ocidente fez do moderno seu grande trunfo. Mas realmente do que se trata, o moderno e seu mundo, e seu avanço destrutivo sobre o tradicional, se o poeta diz: “cansei de ser moderno, agora serei eterno”.

Se olharmos com clareza as sociedades modernas, veremos que sua característica determinante é a de serem desconectadas de uma raiz transcendente. São como folhas, cortadas de sua raiz. Mas com isso, podemos entender o que seja uma folha, seccionada de sua verdade inclusiva, a árvore? A existência, o mundo, não pode ser compreendido quando se perde a inteligência do que possam ser seus princípios fundantes. O que é mais limitado só pode ter seu fundamento no que é menos limitado. A folha está ligada ao galho, o galho ao tronco e o tronco à raiz. Seguindo este percurso de entendimento, só podemos concluir que o **Transcendente** é a raiz, o ponto de partida e chegada necessário. Ponto de partida para a manifestação dos mundos relativos, como o nosso, e ao mesmo tempo ponto de chegada, quando buscamos retornar à **Fonte**.

O que liga a Fonte-Raiz Transcendente aos mundos relativos, como o nosso?

A ligação entre o transcendente e os mundos relativos é feita por este corpo de conhecimentos e diretrizes espirituais que são *as tradições*. O conceito de tradição é muito mais amplo do que o de religião. Podemos falar em tradições indígenas de várias partes do mundo, tradição taoísta, hindu, budhista, judaica, cristã, muçulmana e tantas outras. A Tradição é o Tronco, Eixo, **Áxis Mundi**, de uma grande Árvore, cuja Raiz está na Origem Transcendente e cujos galhos se estendem, com suas folhas, por esta existência. É neste princípio que os povos tradicionais têm sua constituição.

Da tradição vem a seiva celeste que alimenta esses povos, e é através dela que as verdades superiores são revivificadas para todo o povo e cada indivíduo, fornecendo a eles a base de seu modo de pensar e organizar toda sua vida, suas artes, ciências, arquitetura. Todo esse modo se faz buscando o contato o mais harmonioso entre o Céu e a Terra, aqui entendidos como os **Princípios** e a **manifestação existencial**. A ruptura ou enfraquecimento deste contato representa a morte em seu aspecto mais tenebroso. Quando a folha abandona a árvore, ela amarela e seca, vagando ao sabor do vento.

A vida para esses povos de Tradição é sempre entendida e praticada como breve presença neste efêmero plano de realidade, porém sem

nunca perder o mapa, o roteiro que permite dirigir a existência de volta à nossa **verdadeira Casa**, que não tem teto, **imensidão** que nos é lembrada pelo vasto céu de estrelas brilhantes. Uma das principais funções das tradições é a de manter viva, a re-lembrança da origem e finalidade da existência. É fazer a **Anamnesis**, essa contínua rememoração, dizia Sócrates e Platão.

Por este Eixo podemos estar junto à **Estrela-Norte**, que aponta para o caminho do Retorno: “E eis que a estrela, que tinham visto no Oriente, ia adiante deles, até que, chegando, se deteve sobre o lugar onde estava o menino. E vendo eles a estrela, alegraram-se muito com grande alegria” (Matheus, 2.9).

## Ilustração II

Tradição evoca a palavra **trade**, troca. Entre o Céu e a Terra, intercâmbio necessário para o alimento correto da Saúde e Conhecimento. Troca que os povos tradicionais a renovam, incluindo os bens ritualmente trocados, e que a modernidade guarda apenas fragmentos como nas comemorações natalinas.

Não são apenas as coisas que devem ser trocadas, mas o sentido da existência neste diálogo entre o Céu e a Terra. É preciso que dançemos e cantemos, dizem os povos indígenas, para que o eixo que sustenta o céu não se rompa, desabando sobre a terra.

### Ilustração III

TRaDição. Em sua raiz linguística TRD vamos encontrar muitas palavras que abrem janelas de significados esclarecedores: TRanscenDência. TRaDução. E na raiz afim TR temos TRansmissão. TRonco. ReTo. RiTo. RoTa. corReTa. RiTter (cavaleiro). veRiTas.

A letra **T** é uma cruz, feita de um Tronco veRTical, oRTogonal, por onde devemos subir rumo à transcendência, e o braço horizontal, onde nós humanos estamos, presos entre o Céu e a Terra. Na metafísica chinesa taoísta, vamos encontrar este simbolismo presente no ideograma **Wang**, onde o traço superior é o Céu, o inferior é a Terra e o

Imperador está representado pelo traço horizontal do meio., unidos pelo eixo vertical da transcendência.

Na língua hebraica, o caractere Teth, T, , representa o refúgio do homem, o Teto que se eleva para protegê-lo, seu escudo, resistência e proteção. O caractere Resch, R, , representa a cabeça do homem, seu movimento determinante, seu caminhar. A letra R é o emblema do fogo, e segundo Boehme, tem sua origem na faculdade ígnea da Natureza.

, TR, forma uma raiz que desenvolve todas as idéias de purificação, consagração, ordenação.(1)

A *Tradição* é portanto o verdadeiro **refúgio** do homem. No **Buddhismo**, buscamos proteger-nos das tempestades da impermanente existência nos guardando nos Três refúgios (**Tisarana**): no **Buddha** - a natureza iluminada de todos os seres; no **Dharma** - a Lei, a Verdade; e na **Sangha** - a comunidade de santos e praticantes. Melhor refugiarmo-nos no duradouro, pois de que valem as invenções mentais humanas, que tantas já assistimos virem e sumirem como fumaças?

No símbolo da **Árvore**, o tronco alude à tradição, mediador entre a Raiz transcendente e os galhos, que se abrem como tradições manifestas ao longo da marcha da humanidade. Muitas já surgiram e se extinguíram, como a tradição egípcia, caldáica, celta e tantas outras. Seria mais correto dizer que se recolheram para dentro da invisível e misteriosa origem, pois sua identidade com a **sophia perenis**, a Sabedoria perene, não pode ser extinta. E muitas ainda estão presentes enquanto tradições vivas, como a tradição taoísta, hindu, budhista, judaica, cristã, islâmica e as tradições indígenas e africanas. Embora provinda da mesma fonte, cada tradição tem uma forma própria e é completa em si mesma, e assim ela deve ser entendida, a partir de sua própria estrutura interna. Cada ciclo da humanidade vê surgir um conjunto de formas tradicionais, segundo leis e significações de grande profundidade.

A Tradição é um **livro**, um **mapa** abrindo à nossa mente uma série de indicações do caminho de realização espiritual e traduzindo, em cada passo de nosso aprofundamento, as verdades transcendentais que são

necessárias para a realização de nosso próprio destino superior. Destino como fim, finalidade, re-solução. A Tradição é uma amiga de verdade, sempre a mesma, **Fiel**, da balança. Sendo expressão da Verdade, não pode ser associada ao costume ou à repetição cega. O costume, se apenas for repetição mecânica de práticas e idéias do mundo, sem nexos celestes, será ignorância e apego.

A tradição é um **leme** com o qual podemos atravessar o revolto mar da existência. É preciso ter instrumentos muito poderosos e confiáveis para a travessia da turbulência da existência. Sem um leme, dificilmente um barco resistiria ao jogo das forças oceânicas. E dentro de nossa mente, poderosas forças oceânicas se embatem. Para a sua compreensão e manejo, o leme e a direção correta são imprescindíveis.

#### Ilustração IV

Junto com o leme, a direção correta é atributo exclusivo das tradições. Implica por isso em uma **ortodoxia**. Outro conceito também mal-compreendido pela modernidade, o termo vem de **orto**, reto, vertical perpendicular ao plano do chão, e **doxia**, aqui entendido não como opinião mas visão. Ortodoxia não significa portanto rigidez, mas sim *visão correta*. No **Buddhismo**, a visão correta é o primeiro dos oito aspectos ou fatores do *Óctuplo Nobre Caminho* que devemos desenvolver, junto com a motivação correta, a fala correta, a ação

correta, os meios de vida corretos, o esforço correto, a atenção correta e a concentração correta.

Muitas razões levaram o Ocidente pós-medieval a perder aos poucos a compreensão do que seja uma Tradição. Com o enfraquecimento do Cristianismo e sua nociva associação com a violência dos invasores das Américas, África e Ásia, com a difusão da tendência materializante e cientificista que faria do Ocidente por isso uma anomalia na história dos povos humanos, criou-se com isso no Ocidente uma resistência mental aversiva ao que se pensa ser uma Tradição. Essa aversão contra a tradição cristã foi alimentada por uma visão de mundo e do homem desligado de sua axialidade espiritual. O psiquismo egóico liberado em seu desejo e orgulho incessante passou a ser a paródia do **centro** referente do homem. As qualidades espirituais do homem e da comunidade foram substituídas pelos valores da competição e do individualismo. Criou-se uma forte rejeição a qualquer inserção dentro de uma prática tradicional. E abriu-se caminho para a emergência e o emaranhamento em numerosas pseudo-religiões e pseudo-práticas espirituais. Mas uma equação mal colocada não justifica uma saída equivocada.

Nos tempos de hoje assistimos ao aparecimento crescente de ofertas ditas espirituais, esotéricas. O quase total desconhecimento do que realmente seja a espiritualidade e o esoterismo tornaram estas palavras vazias. Se perguntarmos a estas "ofertas místicas" em que Tradição têm a direção, muito poucas resistirão a este crivo. Parecem reluzir, mas nem tudo que reluz é ouro.

Em virtude de nossa falta de critérios claros para discernirmos o que é uma prática legítima e o que é uma paródia, e por causa de nossas carências intelectivas e emocionais tornamo-nos vulneráveis a tudo que aparece com o nome de "via espiritual". É preciso muita prudência nesta importante escolha. Pois estas pseudo-vias, inventadas por homens, enriquecem alguns, espalham a confusão e desilusão posterior para muitos. Práticas espirituais, fora do contexto de uma Tradição legítima, não são recomendáveis, pois resultam se não em desastre, no mínimo em inutilidade, porque são desprovidas de eficácia.

Se apenas as práticas ligadas ao contexto global de uma Tradição são legítimas, como distinguirmos uma Tradição de uma pseudo-religião?

O primeiro critério que fundamenta uma tradição é sua **origem eterna**, intemporal, não-humana, supra-humana. A última tradição espiritual legítima surgida é a tradição islâmica, no séc.VI d.C., encerrando como **selo**, o ciclo de aparecimento das tradições. Todas as pretensões de novas religiões a partir deste marco são consideradas pelas tradições como sendo apenas pretensões.

Todas as tradições possuem um **corpo doutrinal** perfeitamente articulado sobre o Infinito, o Absoluto e o relativo, a Transcendência e a Imanência. Este corpo doutrinal pode estar em forma de um **livro sagrado**, como os Vedas, a Torah, o Corão, ou segundo **transmissão oral** iniciada pelo fundador mítico desta tradição, um **Avatara** (a descida divina) como o Buddha, Christo e os seres míticos fundadores das tradições africanas e indígenas de todas as partes do mundo.

Possuem um corpo de **ritos e práticas** que permitem aos homens trilharem com segurança os vários degraus de uma ascese vertical que culmina na realização espiritual definitiva, a completude. A constituição destes ritos e práticas, e sua eficácia, também são atributos exclusivos da autoridade dos fundadores míticos de cada tradição, por isso também são de origem supra-humana. É este caráter de autoridade transcendente que confere ao rito sua **retitude**, sinônimo de eficácia que resulta em realização, como lemos na **Surata alfátiha**, a 1a. surata de abertura do Corão, em seu 6o. versículo:

### Ilustração V

IHDiNaA	AlÇciRaÄTa	AL MuSTaQiYM
Guie-nos	à Senda	Reta

E possuem um corpo de **símbolos** que permitem e sustentam para a consciência o claro entendimento da topografia e significado de cada degrau que deve ser percorrido até o Absoluto.

### Ilustração VI

Este conjunto de qualidades confere às Tradições o exclusivo poder de transmissão de uma **barakah**, influência espiritual (segundo a terminologia islâmica), com a qual e pela qual cada membro de uma tradição se religa à corrente intemporal de transmissão divina e alcança sua realização espiritual. Sem os mestres qualificados (monges, gurus, pajés) não há transmissão espiritual. Para esta transmissão ser efetiva, a legitimidade e qualidade dos mestres de cada tradição é fundamental.

Muitos pensadores modernos quiseram ver o Budhismo como uma filosofia e não uma Tradição. Retirar do Budhismo seu estatuto de uma Tradição e vê-lo apenas como uma “filosofia de vida” é pretender rebaixá-lo a algo meramente humano, e revela grande desconhecimento sobre a diferença marcante entre o que seja uma Tradição e uma filosofia. Esperamos que o que foi dito de modo sintético neste capítulo sobre as tradições esclareça seu verdadeiro sentido.

## Ilustração VII

### *Notas*

(1) Fabre D'Olivet - *Racines Hebraiques*, 1<sup>er</sup> Partie, p.55, 58, 118, in **La Langue Hebraique Restituée**, Suisse, Ed.L'Age d'Homme, 1975.



## II

### o Incondicionado e a Natureza

A raiz das Tradições é a **Realidade Incondicionada**. É dela que as Tradições provém como doação generosa aos povos. Ela é a Origem de tudo, e não está sujeita às condições. Ela é a **Realidade Última, Plena, a Completude**. Sendo **Ilimitada**, toda tentativa de nomeá-la seria um paradoxo. Seria o mesmo que tentar falar sobre o silêncio ou desenhar o informal. Todo nome é limitação, **determinatio est negatio** - toda determinação é uma negação, dizia Spinoza. Melhor seria calar-nos, **Silêncio, Vazio**.

### Ilustração VIII

*O Tao que pode ser expresso não é o Tao Absoluto  
O nome que pode ser revelado não é o Nome Absoluto  
Sem Nome é o princípio do Céu e Terra.*

Não podemos, diz o Tao Te King, nomear o **Absoluto**. As Tradições referem-se à Realidade Última seja através da via positiva, como **Brahman** pelos hindus, **Deus** entre os cristãos, **Allah** entre os muçulmanos, ou pela via negativa, como **Nirvana** entre os budistas. Nirvana ou Nibbana significa “não-sopra”, ou seja, quando se alcança o estado definitivo de realização espiritual, os fogos interiores não mais sopram para fora, mas se recolhem em sua natureza incondicionada. O uso da negação para se falar da Realidade Última não significa que ela não exista ou que o Budhismo seja niilista, mas sim que as palavras e imagens não conseguem expressar o que seja esta Realidade Última. Por isto o uso do prefixo da negação **In-condicionado, In-finito**. “*Neti, neti*”, nem isto, nem aquilo, diz a tradição hindu. É como uma pintura, em que a imagem representaria o mundo, o que pode ser nomeado, e o fundo branco vazio fala deste misterioso transcendente. Assim são muitas das pinturas Zen.

Mas, ao mesmo tempo, sendo infinitude, **o não nominável absoluto** inclui por isso também seus Nomes, que são seus Atributos. Segundo a visão islâmica, Allah tem três mil Nomes. “Um mil são conhecidos apenas pelos anjos, um mil conhecidos apenas pelos profetas, 300 estão na Torah (Velho Testamento), 300 estão no Zabur (Salmos de David), 300 estão no Novo Testamento e 99 estão no Qur’an. Isto perfaz 2.999 Nomes. Um Nome que foi oculto por Allah é chamado *Ism Allah al-a’zam*: O Supremo Nome de Allah”.(1)

O que as tradições estão querendo nos dizer é que a Realidade Última possui em si tanto o misterioso não-nominável como os atributos nomináveis, como a Beleza, o Amor, a Compaixão, a Verdade e tantos outros. Esses Nomes e Atributos são qualidades espirituais que temos também dentro de nós. Por isso, em nossa ascensão espiritual, podemos nos apoiar nesses Nomes, tomando-os como qualidades a serem cultivadas, e que nos ajudam a subir de um plano de conhecimento relativo a outro mais profundo e abrangente. Quando alcançamos o último degrau da realização espiritual, os Nomes e Atributos estarão reintegrados na Grande Indistinção que é o Absoluto Incondicionado.

Desde que compreendemos o paradoxal mal necessário da *palavra* que quer nomear o *Inominável*, porque nossa mente necessita até um certo

ponto desses apoios, então podemos prosseguir, mas sem nos perder em paixões literais. Como diz um ditado Zen, o sábio aponta a Lua, o tolo olha o dedo.

Como a própria palavra sugere, sendo a Infinitude sinônimo de **Possibilidade Universal**, significa que ela tem dentro de si todas as possibilidades. Nosso mundo é manifestação de apenas uma dessas possibilidades.

O que entendemos como sendo o "nosso mundo" varia de acordo com o nível de percepção de cada um. Tendemos a incluir na percepção do que seja o "nosso mundo" nosso corpo, idéias, aspirações, ambiente físico, história e outras tantas facetas. O que o Budhismo entende como sendo "nosso mundo" é um campo bem mais delimitado do que em outras tradições, conforme veremos mais adiante. Buddha orienta os monges e leigos para que considerem como "o mundo" o próprio corpo e mente. Este é o foco da prática budhista. Outras tradições tem seus modos próprios de apresentação sobre o que seja os vários "mundos".

Qualquer que seja o grau de profundidade e sutileza de nossa percepção, a verdade dos mundos é serem uma realidade condicionada. A linguagem teológica chama de **mundo da criação**. As doutrinas metafísicas usam o termo **manifestação**. É o que se exterioriza, se distingue. O reino da quantidade, da multiplicidade, da diferenciação. Exteriorizar-se é submeter-se à condições, por isso condicionado.

Para melhor entendermos essa importante noção do mundo como uma realidade condicionada que se manifesta, vamos usar um exemplo. Para nos expressarmos aqui, usamos a escrita, que é uma forma de exteriorização, de manifestação. O mesmo acontece quando usamos a fala, ou qualquer outra forma de linguagem. Estamos selecionando do imenso conjunto do vocabulário algumas palavras para que nosso diálogo seja útil e possível. Selecionamos e expressamos através da linguagem, portanto estamos manifestando e com isso realizando novamente o ato de re-criar um mundo. Mas para fazer isso, e ao fazermos isso, estabelecemos limites. Criar é manifestar um certo mundo mas ao mesmo tempo limitar, excluir tudo o que não participará dessa manifestação, desse mundo criado. Por isso, sua natureza, qualquer que

seja este mundo, é o de ser limitado, sujeito a condições, que o definem e o permitem ser o que é. A vida, o mundo, a expressão, são produtos de um corte. Por isso, nossa vida reproduz, analogamente e em seu plano, esse processo do corte de algumas possibilidades de manifestação dentre o Oceano infinito das possibilidades contidas na Possibilidade Universal. Por isso, nossa vida exige contínuo escolher, para realizarmos apenas algumas possibilidades e rejeitar outras. E sofreremos com isso muitas vezes, nem sempre nos dando conta desta operação imposta pelo existir do mundo condicionado.

Esta realidade limitada, na qual estamos imersos, os gregos chamavam de **Cosmos**. Ordem, boa ordem, decência, conveniência, disciplina, constituição, universo, o céu, adorno, adereço, gala, honra, glória.

## Ilustração IX

Um modo, de ser, organizar, existir.

Cada um de nós, todos os seres, somos um modo de ser, temos um modo de ser do nosso corpo, do nosso mundo psíquico. Mas não é um modo fixo, são tendências que provêm dos karmas herdados. Mais adiante voltaremos a este tema do karma. Sendo um modo, não somos totalmente livres. Um modo é uma faca de dois gumes. Todos nós percebemos, em algum momento, que nosso corpo e nosso mundo psíquico, ao mesmo tempo que nos possibilitam viver experiências deste mundo - veja que vivência, experiência e mundo são sinônimos - nos impõem limites. Por ser um modo, não é plenitude. É relativo.

O termo *relativo* é muito esclarecedor sobre o que seja o mundo condicionado. O primeiro significado de relativo é de que ele só existe *em relação* ao Incondicionado. O segundo é de que o mundo não é uma entidade permanente, mas um conjunto cambiável de *relações*. Os seres existem uns em relações aos outros, por isso o que afeta um afeta a todos. Estando atentos a isto, podemos escapar da ilusão do individualismo e cultivar a generosidade para com todos os seres.

Dizemos que o mundo condicionado só existe *em relação* ao Incondicionado. Mas para compreendermos que relação é esta, é melhor evitarmos a imagem de que o mundo condicionado seja "uma parte" do Incondicionado, porque essa palavra "parte" incorre no erro da idéia quantitativa do Absoluto. O mundo condicionado aparece à consciência comum como distinguido do Incondicionado, mas distinto não quer dizer separado. Não quer dizer que seja uma parte (quantitativa) do Absoluto, porque o Absoluto é indivisível, não tem partes. E não quer dizer a-partado de sua raiz. É nossa percepção distorcida que vê assim. Este é um tema de profunda meditação.

O Cosmos, no qual estamos, é apenas um modo do Ser. Quando traçamos um círculo de giz no quadro-negro, podemos exemplificar analogicamente o que está dentro do círculo como sendo o nosso mundo ou num sentido mais amplo, o Cosmos, e o que fizemos foi destacar simbolicamente da "Plenitude do quadro-negro", um cosmos, um certo modo, um certo mundo. Sendo o Cosmos apenas um modo relativo de realidade, se apegar a ele é cultivar a própria prisão e os sofrimentos que dele decorrem, renegando por ignorância o Absoluto, em troca de idolátrica ilusão do relativo viver no Cosmos. Para quem aspira à liberdade absoluta, o Cosmos é um túmulo.

Compreendamos bem isso. Assim, quando falamos de "consciência cósmica", isto não pode ser a realidade última, do ponto de vista da realização espiritual. Hoje em dia se ouve muito falar de práticas que objetivam alcançar uma "consciência cósmica". Observemos o equívoco, ou a limitação deste tipo de propósito. A apropriação de fragmentos do corpo teórico das doutrinas tradicionais, com as quais se pretenderia fundamentar uma prática "esotérica", é algo que se observa com frequência e preocupação no Ocidente, tal é a facilidade com que pseudo-mestres arregimentam seguidores despreparados. Mas junto com o despreparo e a carência dos seguidores, há neles na quase maioria das vezes um componente de orgulho, o de querer encontrar um caminho espiritual fora do corpo de uma Tradição, uma avidez pelo esoterismo (a parte mais interior da prática espiritual) sem as obrigações do exoterismo (a parte mais exterior e ética, conforme cada tradição). Não é possível construir um telhado sem os alicerces.

Os gregos entendiam o Cosmos como o mundo criado, manifesto e limitado. Era o que se denominava de **Natureza, Fisis**. Designava o que está sujeito ao devir, o que jorra, brota, desenrola. Daí vinha inclusive a própria antiga ciência **Física**.

O que os povos tradicionais entendiam e ainda entendem por Natureza não se restringe portanto ao que hoje os modernos cientistas e ecologistas entendem por Natureza, como sendo os animais, os seres, o meio ambiente, o ar. Isto é apenas a dimensão corporal do Cosmos. Mas para as cosmologias tradicionais, a **Natureza** refere-se a todo o mundo manifesto, em seus múltiplos planos de existência, desde os estados infernais até os celestiais, mas todos ainda condicionados.

A **Cosmologia tradicional**, ciência que estuda o mundo manifesto em seus vários níveis, compreendia a existência como o campo de realização das possibilidades de manifestação contidas no **Absoluto**. Isto se dá segundo uma hierarquia de estados múltiplos do ser, do menos para o mais condicionado. Era isto o que se constituía a ciência da Física, com seus vários ramos, e quase totalmente esquecida pelo mundo ocidental moderno. Com isso, tivemos, de um lado, a redução que as modernas ciências fizeram sobre o entendimento da Natureza, e de outro as confusões da literatura ocultista, que reduziu esta complexa hierarquia das cosmologias tradicionais a grosseiras noções como "os planetas astrais" e outros tantos equívocos.

Segundo as Cosmologias tradicionais, os seres se distribuem no Cosmos conforme os planos condicionados que ocupam, indo dos planos inferiores, passando pelo estado humano, aos planos superiores onde habitam os seres celestiais, como os **devas**, na linguagem hindu e budhista, os **espíritos auxiliares** nas tradições indígenas, a hierarquia dos **nove graus angélicos** no mundo semítico e assim por diante. Todos esses seres, entretanto, como estados sutis, estão dentro do mundo manifesto, são Natureza também.

O mundo moderno e suas ciências, ao desconectar a realidade manifesta (a Natureza), de seus princípios transcendentais, colocou sobre a Natureza um véu cinzento de opacidade, impedindo que o intelecto

humano pudesse nela ver sua qualidade divina, sua natureza de símbolos das verdades celestes:

*Ai de vós, doutores da lei, que tirastes a chave da ciência; vós mesmos não entrastes e impedistes os que entravam.*

(S.Lucas, 11-52)

É importante relembrarmos que cada tradição tem uma cosmologia própria, por isso em certos níveis mais exteriores há entre a tradições certas divergências sobre as formas de compreender e transcender o mundo. Por exemplo, não vamos encontrar no Budhismo uma preocupação em olhar a Natureza como um símbolo de verdades transcendentais. A ênfase budhista é a de nos fazer ver que o mundo é impermanência, insatisfatoriedade e ausência de um "eu".

Já as tradições teístas vêem o mundo segundo um duplo ponto de vista complementar: como ilusão, *maya*, e como símbolo de verdades transcendentais, uma *teofania*, a manifestação misteriosa do divino. Por isso alertam: a atual coisificação da Natureza fecha aos olhos humanos os espelhos de Beleza e Verdade que nos apóiam no rumo aos arquétipos divinos.

Nesta perspectiva teofânica, por exemplo o Sol, como olho do dia, simboliza o Centro, o Absoluto. A Luz do Intelecto, o Coração, a Vida com seu calor nutriente. É nesta perspectiva teofânica e simbólica que reside, por exemplo, a importância do Sol para a iconografia e ritual dos povos tradicionais. Só os tolos poderiam ver nisto um fetichismo ou naturalismo ignorante destes povos.

A Lua, o olho da noite, fala da lembrança da Luz durante a escuridão aparente. Como reflexo do Sol oculto à nossa limitada visão dos sentidos, a Lua simboliza a mente, o espelho da reflexão, o mundo psíquico com suas quatro fases impermanentes. Por isso a Lua cheia é a manifestação simbólica da mente plenamente iluminada, e não é por acaso que o Buddha se ilumina numa noite de lua cheia.

*As Montanhas se erguem, feito Imutável noturno  
como espelhos lampejos do Absoluto profundo.*

*Do Pico descendo planos cósmicos soturnos  
chuvas calmas frescores mente água, o mundo.*

*Correm entre florestas seres arborescências  
animais gestos ritmam qualidades essências  
minerais luzem jóias do fundo dos rios  
caminhos das águas do Oceano oriundo.*

Quando a mente humana perde a compreensão do valor espiritual da vida e da Natureza, consequências ecológicas colocam a existência em grande perigo. A cegueira e a avidez tornam a mente arrogante, e os homens lançam seus tratores e químicas a destruir as florestas, os animais, as águas, o ar, os últimos povos tradicionais que zelam pela Natureza, o grande desastre já a olhos vistos. O que há por trás disto?

Diante da fragilidade da existência humana, pensamos poder fazer frente a isso nos cercando de fortalezas de conforto, riqueza e poder. Diante do pavor de nossa efemeridade, tentamos fugir disso dominando as forças da Natureza. Por detrás da ambição pelas coisas, esconde-se nosso grande medo. As máquinas criadas pelos cientistas nada mais são que forças naturais aprisionadas, reorganizadas e postas a serviço de grandes desejos.

Foram esses grandes desejos que acionaram a marcha do capitalismo. É uma grande ingenuidade e distorção a ideologia propagada de que a maquinização foi desenvolvida visando trazer o conforto para a humanidade. Que o seu objetivo foi potencializar a produção de mercadorias para grandes lucros dos capitais, isto está em qualquer bom tratado de História e Economia. Isto exigiu os custos de horrores para os que foram arrancados de seus ofícios agrícolas e artesanais e arrastados aos núcleos e cidades industriais. Basta ver a história da industrialização europeia desde os séc. XVI-XVIII. O colonialismo sobre as Américas, África e Ásia foi o passo sangrento exigido para uma acumulação primitiva de capital, necessário para a expansão do industrialismo europeu e o consumo de sua produção. E para garantir isso, todo tipo de violência, física e mental, foram postas em prática.

Igualmente questionável é a suposição de que os homens poderiam por si mesmos governarem para fins nobres as forças naturais e mecânicas que capturaram da Natureza. Talvez poderiam, se o psiquismo humano estivesse sob uma direção espiritual. Mas neste caso não teriam desencadeado as grandes ambições de domínio das forças da Natureza, pois isto ocorreu exatamente porque a parceria entre ambição-ciências rompeu com os princípios da direção espiritual, desencadeando a inflação dos desejos do ego. O ego tem por detrás de sua ilusão o medo da morte. Nas doutrinas tradicionais já está previsto que o ciclo da humanidade caminha no sentido do desenvolvimento das possibilidades superiores para as inferiores, que corresponde psicologicamente à inflação do ego: “o escândalo há de vir, mas ai! daqueles por quem o escândalo vier”. Compreendamos bem isto.

*Hwang-Ti estava no trono há dezenove anos, e seus ordenanças estavam em operação por todo o reino, quando ouviu que Kwang Khang-Tze (um sábio taoísta) estava vivendo no cume do Khung-Thung, e foi vê-lo.*

*Eu ouvi, disse ele, que vós, senhor, adquiristeis profundo conhecimento do perfeito Tao. Ouso perguntar-vos o que nele é essencial. Desejo escolher as sutis influências do céu e da terra, e com elas auxiliar (o crescimento de) os cinco cereais para (melhor) alimentar o povo. Desejo também dirigir (a operação de) o yin e o yang, a fim de assegurar o conforto de todos os seres vivos. Como devo proceder para a consecução destes objetivos? Kwang Khang-Tze respondeu: O que desejas é saber a respeito da substância original de todas as coisas; aquilo cuja direção desejas ter é essa substância em sua forma fragmentada e dividida. Segundo o seu modo de governar o mundo, os vapores das nuvens, antes de se agregarem, desceriam em forma de chuva, as ervas e as árvores perderiam suas folhas antes delas amarelarem, e a luz do sol e da lua apressariam a extinção da vida. Sua mente é a de um adulator com palavras plausíveis - não está apta a que eu possa falar-lhe do perfeito Tao (2).*

A nossa época é de tal voracidade e insensibilidade - “Idade (obscura, **Kaliyuga**) em que a corrupção vai de mal a pior”, disse Tshong-Khapa,

mestre budhista tibetano (3) - que apesar dos desastres e alertas ecológicos, as forças da ambição econômica em jogo são tais que elas criam a ilusão de que a devastação não terá grandes conseqüências negativas sobre a humanidade, salvo algumas reclamações ecológicas arquiváveis. Iludidos pelos sentidos que só entendem quando as águas que desencadearam já os estão afogando, muitos pensam que os frutos de suas ações (**kamma** em pali, **karma** em sanscrito) não os perseguirão.

Se os homens soubessem ante-ver os efeitos kármicos tenebrosos que estão armando para si em cada milímetro de cada ação destrutiva, já teriam cessado com essa violência e desacralização da Natureza. Mas como os efeitos muitas vezes levam um tempo para acontecerem, a ilusão da impunidade ganha força. Mas só até o tempo da inevitável irrupção do doloroso efeito. Quem com ferro fere, com ferro será ferido.

Certas concepções tradicionais, como a budhista, utilizam o termo **Natureza** não apenas para designar o mundo condicionado, mas para designar a **Realidade** como um todo. O termo **Natureza** é usado intimamente ligado à noção de **Dhamma**, (**Dharma**, em sânscrito). Termo de difícil tradução, **Dharma** seria a Lei, a Verdade, o dever, a justiça, o curso correto de conduta, aquilo que sustenta, os fundamentos. Por isso, libertar-se do sofrimento é conhecer os segredos da vida, é conhecer o **Dharma**, é conhecer a Natureza em si, a *Lei presente em toda ela*, a Verdade sobre o modo das coisas serem na Natureza, o **dever**. Dentro da Lei há um dever correto a ser feito para cada ser, e uma vez feito o dever, obtemos os frutos venturosos.

O Budhismo opera, portanto, com uma noção mais abrangente de Natureza, enquanto outras concepções tradicionais restringem essa noção ao campo do Cosmos. Desde que compreendamos que a palavra Natureza tem muitos níveis de entendimento, e estejamos atentos ao campo de significação com que é empregado em cada contexto, podemos nos situar com clareza.

Quando nos perguntamos sobre como o surgimento do mundo ocorre, vamos encontrar certas diferenças entre os pontos de vista tradicionais, o que pode num primeiro momento nos trazer certa agitação mental,

porque queremos encontrar a mesma explicação. Mas essa é uma postura ainda superficial. Quando a luz passa por um prisma, ela se decompõe em várias cores. Qual delas é a certa? Elas são como que ângulos da mesma luz branca. Assim são as doutrinas tradicionais, deve se procurar entendê-las segundo suas perspectivas próprias, cada qual revelando uma entrada para o Absoluto.

O Buddhismo tem um ponto de vista diferente de muitas outras tradições. Para os budhistas, o começo e o fim do mundo são temas de pouco interesse, a ênfase maior é o da libertação da mente. A causa fundamental da existência é a ignorância.

Do ponto de vista de outras doutrinas tradicionais, os seres, em múltiplos estados no Cosmos, são vistos como manifestações limitadas e condicionadas, projeções desse Infinito, a Grande Mãe. Filhos deste ventre infinito. O mundo manifesto é produto do casamento entre os dois **princípios existenciais**, *Urano* e *Geia*, *Yang* e *Yin*, *Purusha* e *Prakriti*, a *Substância* e a *Essência*, que provém da polarização da **Unidade transcendente**. No simbolismo astrológico, **Urano**, o Céu, o Criador, gera os filhos em **Geia**, a Terra. Como possibilidade, Urano gera incessantemente mas lança os filhos no Inferno ou Tártaro, que por isso não chegam a nascer, e a possibilidade não se realiza, fica no abstrato. Ao que Geia, esgotada de tantos filhos gerados pelo inesgotável poder gerador do Pai, pede a **Saturno**, o mais novo dos filhos, que mate o pai. Saturno castra o pai e lança seus testículos no mar. (4)

Neste simbolismo, o Pai como incessante possibilidade geradora contida na Possibilidade universal, a Mãe como substância que permite a existência, e a manifestação como realidade limitada, originada desta união, desenha-se o drama da existência cósmica. Do reino das possibilidades, haverá de se cortar algumas para que uma se realize no plano da realidade limitada. É análogo ao processo de fecundação, em que dos milhões de espermatozoides, apenas um será aceito na germinação do ovário. Analogamente à ação da foice de Saturno, ainda que embriagados diante de tantos possíveis no viver, temos de cortar tantas possibilidades, escolhendo algumas poucas.

Do ponto de vista de nossa realização espiritual, já que o nosso nascimento implica neste corte de nossa morada celeste, o mais sábio seríamos descobrir quais as escolhas que nos seriam propícias para realizarmos nosso caminho de volta, nosso destino, nosso próprio **dharma**, nosso **svadharma**. E nela irmos fundos, ao invés de nos dispersarmos em opções de vida que nos afastam do retorno. A compreensão correta do **Destino** não como fatalidade ou imposição externa mas como os passos afins com a nossa meta, nossa natureza celeste, nosso arquétipo divino, é de fundamental importância. Descobrir e guiar-se pela mitologia pessoal que cada um de nós traz desde o nascimento dentro do profundo de si, mitologia que é para cada indivíduo a sua imagem do mais Alto a viver e realizar.

Como Filhos do Céu, nossa natureza fundamental é Transcendente. Por isso, dizem as escolas Mahayana, somos **Buddhas** em essência. Isto é nossa verdade e fundamento último, que nos sustentará em toda travessia do Retorno. Mas como Filhos também da Terra, precisamos realizar esta natureza última, porque circunstancialmente estamos, por causa da ignorância, presos às ilusões do mundo condicionado, por isso sujeitos ao nascer e morrer. Esta **dupla face** é nosso desafio crucial. A prisão não é definitiva, a morte não é o nada, o aniquilamento, mas a liberação das travas, a realização espiritual, não é automática.

A libertação exige partirmos do reconhecimento de nossa prisão, o de estarmos sujeitos à existência das próprias condições que a constituem. Tomando o exemplo do corpo: ele existe porque há um conjunto de condições que o mantém agregado. Mas é sempre uma condição extremamente dinâmica e instável. Impermanente, **anicca**. As condições estão sempre variando, por isso corpo também está sempre mudando. Nasce, e sempre em mudança, adoece, envelhece, um dia se desagrega, morre.

Todos os seres, a formiga, a planta, o homem, todos estão sujeitos à Roda de Condicionamento sempre em mudança, **samsara**. Por isso o sofrimento, **dukkha**, é intrínseco à existência. Por ignorância, tendemos a pensar que o sofrimento seria uma espécie de agente exterior, que por azar, descuido ou por esta ou aquela condição irromperia casualmente e perturbaria nossa vida. E que se pudessemos controlar essas condições, o

sofrimento inexistiria. Pensamento ilusório, com o qual a mente tenta fugir, não olhar com clareza este estado de existência como ele é.

Compreendamos, o sofrimento não é apenas a experiência de uma dor física, como se ao não doer hoje alguma parte de nosso corpo, não haveria sofrimento. Compreendamos que isto é apenas um equívoco de uma percepção mental superficial e distorcida. O significado mais amplo para **dukkha** é insatisfatoriedade. Basta um pouco de clareza para percebermos o quão insatisfatório é a existência, insatisfatoriedade que experienciamos como sofrimento, advindo da constante mudança desta realidade cósmica impermanente.

Quando olhamos em volta, percebemos o quão frágil é a existência dos seres. Um amigo que está aqui conversando conosco, amanhã assistimos seu desenlace e tomamos um susto: eu não esperava por isto, eu não estava preparado para isto! Depois esquecemos esta porta que se abria. Para muitos, a morte é uma porta que se fechará, a todo instante trazendo o pânico. “A palavra **pânico** vem do prefixo grego **Pan**, tudo, todo. Quando o deus Pan morre, todos os seres são envolvidos de terror pânico e sua morte ocorre na hora que surge a cidade”(5).

Nossa mente tenta sempre fugir, evitando se preparar para os enfrentamentos cruciais, fingindo que a impermanência é algo que não vai atingi-la. Quando vamos começar a nos preparar para algo que é intrínseco à existência? Aprendamos a morrer antes de morrer, diz um ditado tradicional. Não é um azar ficarmos doentes, envelhecemos e morremos: é inerente à própria realidade condicionada. Não depende de nenhuma mágica ou força estranha. Dado certas causas, ocorrem certos efeitos. Suprimindo-se as causas, suprime-se os efeitos. Agregadas certas condições, nascemos, desagregadas certas condições, o corpo desagrega-se, o que chamamos de morte. Estamos nascendo e morrendo a todo momento, por toda a vida, por todas as vidas, condicionadas. Porque dependemos de muitas condições, viver é estar nesta prisão, a das Condições. Por isso temos de trabalhar, agir, engendrar e equilibrar condições propícias, tirar nosso sustento do suor de nosso rosto, como é narrado no mito da queda adâmica. Esta Roda da Existência condicionada é o que no Budhismo se chama de **samsara**, roda do porvir, turbilhão.

Para a mente que está olhando de frente a realidade, a prisão é uma observação interior: estou metido em uma arapuca. Como um pássaro que percebe a gaiola. Ele não pode fazer o que quer, está sujeito o tempo todo a lidar com esse jogo de forças. Que, ufa! muitas vezes cansa. Altos e baixos. Como manter a mente imperturbável, pelos inevitáveis altos e baixos da existência? É disto que o Buddha está falando.

Não adianta florear a gaiola, fugir para um shopping center de luzes e vitrines, ao menos não tão freqüente e iludidamente. É difícil, suportar a dor da existência efêmera, é preciso olhar a prisão de frente se quisermos libertar-nos da gaiola, se quisermos amadurecer, conhecer o que é a existência, para fazer dessa experiência do sofrimento o conhecimento de *como encontrar o caminho* da libertação, vôo de plenitude, para além da Natureza, para além do Cosmos, em direção ao sem-limites, aqui e agora, **Nibbana**.

***Notas***

(1) Al-Hajj Shaikh Muzafferedin - **Ninety-Nine Names of Allah**, London, Wildmood House Limited, 1978.

(2) **The Sacred books of China; The Texts of Taoism**, parte I, p. 297-8, citado por S.N. Nasr, *O Homem e a Natureza*, pg.85, RJ., Zahar Ed., 1977.

(3) Cf. referência in **A Crise do Mundo Moderno**, R.Guénon, pg. 38, Lisboa, Ed.Vêga, 1977.

(4) Carvalho, Olavo de - **Introdução à Astrologia Geral**, SP, mimeo, (grifo nosso), pg.7.

(5) Carvalho, Olavo de, - op.cit., (grifo nosso), pg.26.



### III

#### o Lugar do Homem

Havia um povo, em algum lugar, onde sempre que alguém perguntava o que é ser homem, todos giravam seus zunidores no ar, provocando um som ensurdecedor.

Que coisa é homem, que há sob nome? pergunta o poeta Drumond. Quem somos, o que nos constitui e como direcionamos esta nossa natureza humana para a realização espiritual são as questões fundamentais daquele que aspira o caminho da Sabedoria e Iluminação. Para isto, vejamos o arcabouço explicativo das doutrinas tradicionais.

O lugar que as doutrinas tradicionais colocam o homem dentro da existência cosmogônica pode parecer a princípio algo bastante complexo e nem sempre unânime para um ponto de vista mais imediato e exterior. Mas vejamos.

Nas tradições que explicitam uma Cosmologia, parte-se do Princípio Supremo, o **Absoluto**, para a manifestação, que se dá segundo uma progressiva diferenciação que engendra os seres, processo que se baseia analogicamente naquele da formação dos números, do Um ao Dez, fundamento de toda Matemática tradicional:

*Segundo a Kabala, o Absoluto, para se manifestar, se concentra em um ponto infinitamente luminoso, deixando as trevas em sua volta; esta luz dentro das trevas, este ponto dentro da extensão metafísica sem limites este nada que é tudo dentro de um tudo que é nada, se assim podemos expressar, é o Ser no seio do Não-Ser, a Perfeição ativa (**Khien**) dentro da Perfeição passiva (**Khouen**). O ponto luminoso é a Unidade, afirmação do zero metafísico, que é representado pela extensão ilimitada, imagem da infinita Possibilidade universal. A unidade, ao se afirmar, para se fazer o centro de onde emanarão como múltiplos raios as manifestações indefinidas do Ser, está unida ao Zero que a contém em princípio,*

*no estado de não-manifestação, aqui já aparece em potencialidade o Denário, que será o número perfeito, o desenvolvimento completo da Unidade primordial. (1)*

O Absoluto como ponto de partida também está presente na doutrina taoísta. Do Tao sem Nome, o Zero, o Absoluto, surge o Um, a Unidade Primordial, o Ser como princípio de todos os seres. Para se manifestar, a Unidade se polariza, surgindo o Dois, os dois princípios, o polo ativo designado por vários nomes conforme cada Tradição, como **Purusha**, **Yang**, o **Céu**, o **Pai**, a **Essência**, e o polo passivo, **Prakrti**, **Yin**, a **Terra**, a **Mãe**, a **Substância**. Da união, casamento sagrado (*hierogamós*) entre os dois princípios brota o Três, do Três os dez mil seres, simbolizando o número dez mil (10 ) a multiplicidade do mundo manifesto, como cardumes de peixes que pululam dentro das águas cósmicas. Da união dos pólos principiais brota a Existência cósmica, com sua hierarquia de estados do ser, seres, sem que estes princípios participem diretamente da existência. Suportam toda a existência mas não existem como princípios puros dentro da existência fenomênica.

Estas primeiras considerações já descortinam a distância entre a concepção cosmogônica tradicional e as interpretações das ciências modernas. Estas reduziram-se a noções quantitativas, com as quais pretendem explicar a gênese do Universo, como a hipótese do Big-Bang e o evolucionismo, sob a alegação de buscarem o fundamento da Verdade na própria “matéria”, termo este que não aparece em qualquer corpo teórico tradicional e que nem mesmo os que o utilizam parecem saber do que se trata realmente.(2)

Retornando ao curso do rio, nas tradições que explicitam a gênese da Existência, como o Hinduísmo, as tradições semíticas e muitas outras, o Homem é o intercessor, o Filho predileto deste casamento entre o Céu e a Terra. No Taoísmo, está simbolizado pela figura do Imperador, cujo ideograma é **Wang**. Neste ideograma o traço superior designa Tien, o Céu; o traço inferior é Ti, a Terra; o traço mediano, que é menor, é Jen, o Homem primordial, e o traço vertical é o eixo transcendente.

Observemos que o ideograma **Wang** têm quatro traços: “se o Ternário é o número que representa a primeira manifestação da Unidade principal, o Quaternário configura a expansão total, simbolizada pela cruz, na qual os quatro ramos são formados por duas retas indefinidas retangulares. O quaternário é o número do Verbo manifesto, de Adam Kadmon (3). Portanto, quando as Tradições afirmam que o homem ocupa um lugar central no Cosmos, ou dito de outro modo, que Elohim criou, por sua Palavra e Ordem - “seja!” (**kun**), o homem à Sua imagem e semelhança, não é do homem individual que se trata, mas do Homem Universal - **al-Insan al-Kâmil, Adão Kadmon, o Homem Transcendental, Tchen Jen** - o arquétipo de toda manifestação. *Eu (Deus) era um tesouro escondido; Quis ser conhecido, e Eu criei o mundo*, diz um hadith (palavra divina) islâmico. Adão como a claridade do espelho no qual Deus irá manifestar Seu mistério a Ele mesmo: “Este ser adâmico foi chamado Homem (**insan**) e Representante (**khalifah**) de Deus. Quanto à sua qualidade de homem, ela designa sua natureza sintética (contendo virtualmente todas as outras naturezas criadas), e sua aptidão de enlaçar todas as Verdades essenciais”.(4)

A expansão quaternária da Unidade, ao se distinguir da própria Unidade, engendra o Quinário, figurado na Estrela Flamejante de cinco pontas, simbolizando o Microcosmo ou o homem individual: “se consideramos o quaternário a Emanação ou a manifestação total do Verbo, cada ser emanado, sub-múltiplo desta Emanação, será igualmente caracterizado pelo número quatro; ele se tornará um ser individual na medida em que ele se distingue da Unidade ou do centro emanador, e podemos ver que é precisamente a gênese do Quinário”. (5)

Se observarmos bem o corpo humano, expressão mais exterior do estado humano individual, encontraremos aí a presença marcante do número cinco: o eixo, formado pela cabeça e tronco, e os quatro membros, braços e pernas; os cinco dedos em cada mão e pé; os cinco sentidos, as cinco faculdades cognitivas (**jñanendriyas**) e as cinco faculdades de ação (**karmendriyas**), segundo a terminologia hindu. E se prosseguirmos neste processo de diferenciação, “a distinção que dá nascimento à existência individual é o ponto de partida da Criação. Com efeito, esta existe na medida em que o conjunto dos seres individuais, caracterizados pelo número cinco, se considera como distinto da

Unidade, o que dá nascimento ao número seis” (6). Seis são as fases da Criação. A tradução destas etapas como “dias” reduz a profundidade desta noção ao da temporalidade, criando dificuldades ao entendimento. Na tradição hebraica, encontramos esse simbolismo no Selo de Salomão, onde os dois triângulos invertidos representam o macrocosmos, o Mundo criado, e o microcosmos, o homem individual, reflexo do primeiro. Por isso dizia Hermes Trimegistro, o que está dentro é como o que está fora, o que está acima é como o que está embaixo.

Prosseguindo com Guénon seu esclarecimento sobre o processo de diferenciação, à medida que os seres se vêem como distintos, revestem-se de formas, engendrando o Mundo da Formação, simbolizado pelo Setenário, com as sete esferas planetárias, que culmina na realização corporal, o número oito, que marca a profundidade da queda adâmica, o limite da manifestação do Ser, o nove correspondendo à realização corporal distinta da Unidade, a multiplicidade representada pela circunferência, que pode ser vista como o Zero realizado. O nove, mais a Unidade teremos o dez, a união do zero com a unidade, a circunferência e seu centro. (7)

A queda do homem, longe de ser a conseqüência de algum deslize moral ou de comer uma maçã, designa este processo de diferenciação, de afastamento, de distinção cuja expressão mais ilusória é a individualização, a armadilha do ego. Por isso, temos de avaliar se a hipótese junguiana da individuação como o caminho da realização do homem não é exatamente o oposto do caminho da realização espiritual indicado pelas doutrinas tradicionais, o que significa que a individuação conduziria a labirintos tenebrosos de difícil saída, porque presos ao psiquismo, que é uma instância do domínio sutil, e não o espiritual.

Enquanto as doutrinas tradicionais que explicitam a Cosmogênese partem do Princípio para a diferenciação que engendra a Existência, para daí indicar os caminhos de re-integração, à imagem de um triângulo cujo vértice, o Princípio, está acima e se abre em diferenciação para baixo, o Budhismo evitará muito da discussão cosmogônica e cuidará diretamente do caminho ascendente de Liberação. A imagem agora seria o triângulo com o vértice em baixo, simbolizando o homem, e abrindo-se para cima, para a Liberação. (8)

Compreendido essa diferença de ângulo, as tradições são unânimes em afirmar que o homem ocupa na Roda da Existência, uma posição muito especial em relação aos outros seres. Posição especial em potencial. Buddha ensinava ser de extrema riqueza, e de muitos méritos acumulados, o fato de seres terem nascidos como seres humanos, no estado humano. É tão raro, dizia, quanto estarmos no meio do oceano, dentro de um pequeno barco, e descobriremos um grande furo no fundo dele, por onde está entrando água e de repente vemos lá longe uma tartaruga vindo, se aproximando, entrar por baixo e com seu casco tapar o buraco e conduzir o barco a salvo até uma costa segura a muitas léguas de distância.

Raro e importante é ter nascido como homem, pois é apenas a partir do estado humano que podemos nos libertar da prisão do Cosmos, alcançar a Iluminação diretamente a partir deste estado. Os demais seres, mesmo os celestiais **dēvas**, terão de nascer no estado humano para aprender o **Dharma** e com isso escaparem do **samsara**. Quando Siddharta Gautama alcança o estado de Buddha, Libertação e Iluminação, e, refletindo sobre a incapacidade dos homens de entenderem o Dharma, decide não abrir o ensinamento do Caminho, os **dēvas**, que haviam descido dos céus para aprenderem os ensinamentos para a libertação, caem em profundo estado de inquietação e desolação. Do mesmo modo é dito que, quando da proximidade de um Bodhisattva se tornar um futuro Buddha, descendo ao estado humano, os **dēvas** dos dez mil sistemas de mundo rogarão ao Bodhisattva que nasça entre os humanos para ensinar-lhes o alívio de suas dores, o Caminho da iluminação.

O ser, em seu estado humano, possui a qualidade intelectual que lhe permite realizar-se como um Buddha. Os demais seres, em virtude da ausência desta qualidade mental, não podem escapar do **samsara** enquanto não tiverem alcançado este estado. Mas todos os seres do Cosmos, as plantas, as pedras, os animais, os **dēvas** e mesmos os seres infernais, todos têm a natureza intrínseca de **Buddha**.

Nascer como ser humano é ao mesmo tempo de extrema riqueza e de difícil responsabilidade, de um perigo igualmente extremo. É dito nos relatos islâmicos que, ao criar o mundo, Allah convocou todos os seres e perguntou qual deles aceitaria ser seu representante a sustentar o mundo.

Todos recuaram aterrorizados diante de tal responsabilidade, só o Homem aceitou o compromisso. Todas as qualidades divinas estão sinteticamente dentro do Homem, por isso o Homem pode conhecer o Absoluto conhecendo a si mesmo, e contemplando o Homem a si mesmo, Deus Se contempla. Contemplando o impermanente de nosso corpo e psiquismo, desapegamo-nos do mundo, contemplando a natureza búddhica em cada grão de areia do mundo efêmero, revelamos a nós mesmos nossa natureza de Buddha.

Por esta condição central no Cosmos, é dito que mesmo os Anjos, por não possuírem a natureza integral de Adão, se curvam e se rebelam diante do Homem. Deus, ao criar o Homem à sua semelhança, chamou-o e disse-lhe que desse **nome** a todos os seres, e Adão dava os nomes conforme as qualidades de cada ser que ele reconhecia dentro de si. E este era o nome. Nome como **númen**, halo de inteligibilidade que irradia de cada coisa, a natureza de cada coisa. O homem é um pequeno cosmos, e o cosmos é como um grande homem, diz um ditado sufi.

Como síntese de todo o Cosmos, o homem tem dentro de si todos os seres, toda a realidade. Parcialmente em seu corpo, como se expressa analogicamente seu processo de desenvolvimento embriológico, mas isso nada têm a ver com as deduções que o evolucionismo pretendeu tirar da observação do desenvolvimento embriológico humano, pois é principalmente em sua mente que o homem tem dentro de si tudo que tem fora dele, por isso ele pode conhecer toda a realidade interior e exterior a ele. Dentro dele estão todos os seres, a borboleta, a árvore, a chuva, não como presenças corporais mas **principiais**, como presença espiritual. Por isso quando ele vê um ser, ele reconhece dentro de si uma afinidade. E ambos traduzem a manifestação desta Realidade suprema. Disse um sábio chinês: *sonhei certa vez que eu era uma borboleta, e quando acordei, eu não sabia se eu era um homem que havia sonhado que era uma borboleta, ou se eu era uma borboleta que havia sonhado que era um homem.* É um, é outro, nem um, nem outro. Tanto ele quanto a borboleta, são manifestações da Realidade Última, o Princípio Supremo.

Graças a esta capacidade intelectual, o homem de uma sociedade tradicional organiza sua vida terrestre em função dessas

correspondências simbólicas entre o Macro, o Microcosmos e os princípios transcendentais. Na aldeia de certos povos indígenas as malocas estão dispostas segundo um círculo que se organiza em função do Centro gerador. Neste centro se localiza às vezes as assembléias onde se discutem as questões coletivas, como é o caso do *warã* entre o povo Xavante do Mato Grosso, ou a casa da pajelança. Por esse centro passa o eixo que liga o Céu à Terra. O ser humano, dentre todas espécies, é o que por excelência se mantém de pé. Os índios Guarani, do Sul do Brasil, consideram que quando um homem não mais consegue ficar de pé, a vertical, já está se esvaindo do estado humano, esvaimento figurado pela horizontalidade. Em um dos simbolismos, do corpo humano, a cabeça expressa o Céu, os pés a Terra, os braços e as mãos como extensões do mundo sutil, mental, e o tronco a mediação da Tradição, do Dharma. Ou, a cabeça o Buddha, o tronco o Dharma e os membros a Sangha.

## Ilustração X

Cada cosmologia tradicional possui suas práticas de realização espiritual. Nas cosmologias em que o mundo é visto como um símbolo do transcendente, recuperar a capacidade de ver e compreender o macro e o micro cosmos como **símbolos** é essencial para o despertar da

Sabedoria inerente ao homem. O homem é dentre os seres aquele que tem esta capacidade. Sabendo usá-la, a vida passa a ser disposta de maneira propícia, todos os pensamentos, falas e atos buscam se tornarem dotados das virtudes do rito e do símbolo e o diálogo interior-exterior, Céu-Terra poderá fluir com grande equilíbrio e harmonia. Essa compreensão oferecerá o alimento da alegria para o ser humano, motivando-o a prosseguir na sua ascensão espiritual.

Segundo as doutrinas tradicionais teístas, quando essa Cosmologia simbólica se enfraquece dentro do homem, sua condição e seu potencial de centralidade se invertem, e o homem fica abaixo dos animais, pois se estes vivem a presença do divino dentro deles de forma intelectivamente mais passiva, preservam a pureza desta Presença passiva e jamais põem em risco o mundo. Já o homem, ao perder a compreensão de seu legítimo lugar e dever, perde o direito de Representante de Deus na Terra, e faz do dom do intelecto a arma da destruição de si mesmo e do mundo.

Dotado desta capacidade intelectual, a mente humana pode investigar seu interior e exterior. Em nossos tempos, a compreensão interior se estreitou, valorizando-se mais a tendência e curiosidade da expansão pelos espaços afora. Basta ver como causa admiração as viagens espaciais e os efeitos dos brinquedos informáticos. Mas compreendamos que este espaço vasculhado é apenas a face exterior do Espaço. Todas as doutrinas tradicionais são unânimes em afirmar que por esta capacidade intelectual do homem compreender as verdades últimas, o estado humano tem um lugar especial no processo de realização espiritual.

Segundo as doutrinas teístas, como o Cristianismo e Islamismo, a virtude e função fundamental do homem é trilhar e preservar sua condição de centralidade cósmica, este Ponto semente de mostarda que espelha o reino divino e cuja expansão cria o Cosmos. *Procurem o Reino de Deus e o demais lhes será dado por acréscimo*, diz o Evangelho.

Estar entre o Céu e a Terra, meio-anjo meio-animal, é o lugar do homem. Crucificado o homem está, no ponto de encontro entre o braço horizontal e o eixo vertical da cruz. O braço horizontal simboliza os estados manifestos e condicionados do ser, sua face efêmera e

relativamente ilusória, o homem exterior, com todas suas alegrias e sofrimentos do impermanente. As faces como “múltiplos ‘planos de reflexão’ diferenciando a irradiação (*al-tajalli*) divina”(9). O eixo vertical aponta e expressa o Transcendente, o homem interior. Neste ponto de cruzamento central e crucial, de agonia e glória, está o homem, cujo arquétipo no Cristianismo é o próprio Cristo, e cuja passagem pelo mundo desenha esta dupla natureza terrestre e celeste dos homens. Por isso a iluminação exige que cada homem realize em si o conhecimento horizontal dos mundos, com a dignidade e o dever de se saber humano, ser plenamente as qualidades do humano, e, concentrando-se neste ponto crucial, elevar-se verticalmente dos infernos ao seu destino de Glória.

*Tome tua cruz e me siga.*

homem, não mais permitindo que ele compreenda isso, seja porque ele abre mão deste lugar de farol no escuro oceano tormentoso, em troca das aparentes vantagens do que é exterior - e essas duas razões estão interligadas - então ele e tudo que está em volta dele, a sociedade e os outros reinos também fraquejam e se obscurecem, a ignorância se espalha e amplia, o próprio Cosmos se decompõe junto com ele. O Reino de Deus se eclipsa, e o homem, reduzido à sua dimensão de apenas terrestre, se torna um objeto flutuante no mar disperso dos acréscimos fugidios.

Do ponto de vista do Budhismo, que não tem em si a questão de um Deus criador, também se coloca para o ser humano a importância da compreensão da sua capacidade de compreender o Dharma, a Verdade, e, assumindo a profunda responsabilidade desta sua qualidade cognitiva, purificar sua mente das impurezas da avidez, do ódio e da delusão.

## Ilustração XI

Esta centralidade do homem, entretanto, é apenas virtual. Precisa ser efetivada, em ato. Quando o homem, com esta responsabilidade e dádiva meritória de sustentar sobre sua cabeça esta condição central, quando o homem fraqueja e perde esta clareza e centralidade potencial, seja porque a sociedade obscurece a clara visão cosmológica dentro e fora do

**Notas**

- (1) Guénon, René - **Melanges**, pg. 58-59, France, Ed. Gallimard, 1976.
- (2) Sobre isto, ver *Materia signata quantitate*, Cap.II, in **Le Règne de la quantité et les signes des temps**, René Guénon, France, Ed. Gallimard, 1945.
- (3) Guénon, René - (1976), pg. 63.
- (4) Ibn'Arabi, Muhyi-D-Din - **La Sagesse des Prophètes**, pag.27, Ed. Albin Michel, 1974 (trad. e notas por Titus Burckhardt).
- (5) Guénon, René - (1976), pg 64.
- (6) Guénon, René - (1976), pg 65.
- (7) Guénon, René - (1976), pg 66.
- (8) Burckhardt, Titus - *L'Image du Bouddha* pg 168, in **Principes e méthode de L'Art Sacré**, Derain, 1958.
- (9) Ibn'Arabi, Muhyi-D-Din - Op.Cit., pg 21.

## IV

### a Metafísica, a Religião e as Ciências

Os antigos chamavam de *Metafísica* o conhecimento do que ia além da física, além da Natureza, do mundo Cósmico, além do mundo exteriorizado. O que se chamava, dentro das tradições, de Metafísica era o conhecimento dos princípios transcendentais, das fontes, raízes de tudo isto que se pode experimentar neste mundo condicionado. E como está se falando da Realidade que é além da Natureza, ela não pode ser definível, por isso não podemos falar literalmente de "um objeto da Metafísica", pois objeto já é uma circunscrição que a mente realiza para efetuar uma análise. De modo alusivo mas não definitório, podemos dizer que a Metafísica é o conhecimento dos princípios universais ou das realidades transcendentais, dos arquétipos divinos que se referia Platão. Seria o conhecimento da própria Natureza Divina. Esta **Metafísica** portanto está além da distinção sujeito-objeto que a razão faz. E é a intuição que pode penetrar nesse mundo dos princípios. Intuição, também referida como intuição intelectual, intelecção intuitiva. Esta intuição é conhecida no simbolismo das Tradições como sendo o Raio, o Vajra, o Relâmpago que ilumina a noite escura. A intuição é instantânea, apreende instantaneamente as verdades superiores. Vai além do que a razão pode penetrar, e não é por acaso que na civilização ocidental moderna a intuição se obscureceu muito e a razão se tornou quase que hegemônica, tirana. O nosso mundo de hoje quase não consegue mais entender o que possa ser o intuitivo e o que não passa pela razão.

Foi ficando cada vez mais difícil no Ocidente se falar em Metafísica, pois a partir de uma certa época sua Filosofia pouco a pouco foi perdendo o entendimento do que seria a Metafísica, de como seria possível conhecer os princípios transcendentais. Nas correntes filosóficas do Ocidente, até onde pude perceber, o que se entende num universo tradicional como Metafísica foi sendo perdido, a ponto de muitos pensadores ocidentais dizerem que a Metafísica é inviável. É como se afirmássemos não ser mais possível o que não podemos mais entender. É

uma espécie de generalização da própria dificuldade de muitos dos pensadores ocidentais. Os sapos que só vivem no fundo da lagoa afirmam ser impossível existir algo chamado céu azul acima da superfície das águas.

A Metafísica continua presente nos povos tradicionais. Por isso houve e ainda há dificuldade de entender esses povos. Do mesmo modo os missionários cristãos tiveram muita dificuldade em compreender os povos indígenas e os consideravam como ateus ou pagãos, pelo fato destes não possuírem uma expressão formulada nos mesmos termos do que a teologia cristã denomina como Deus.

Não encontrando este nome ou termo, considerava-se que os povos indígenas eram pagãos e era necessário salvá-los do inferno. Em nossos dias de hoje, aqueles que tem interesse em escapar das armadilhas desta postura, perceberão que é possível se aproximar dessa compreensão indígena, desde que nós tenhamos a Metafísica como suporte. A ausência desse entendimento, aliado a um conjunto de interesses seculares, foi e ainda é o grande erro do mundo cristão sobre os povos tradicionais indígenas. Do mesmo modo como os missionários jesuítas, quando foram para a Índia no séc. XVIII, consideraram os hindus como politeístas. E muitos se horrorizavam vendo por exemplo a figura hindu da Kali, uma divindade feminina de cor negra, com seu rosário de crânios e a boca cheia de sangue, simbolizando o aspecto destruidor e devorador da existência, então eles achavam que era a própria figura do demônio.

Esta ignorância da passagem de intelecção de uma forma tradicional a outra é superável através da Metafísica, exatamente porque a Metafísica está para além das formas tradicionais que cada religião se reveste, as formas são apenas a porta de entrada, vamos dizer assim. As realidades transcendentais estão para além dessas portas, desses nomes.

Ilustração XII

Assim como a Metafísica nos permite avançar esse caminho interior em direção ao que é supra-cósmico, a Física tradicional nos permitiria compreender o mundo da Natureza, o mundo dos seres condicionados. Porém, o que se observa é que aquilo que os gregos entendiam por *físis*, como sendo a Natureza no sentido de todo o mundo manifesto, foi se perdendo pouco a pouco na história do Ocidente. Até chegarmos hoje com uma ciência física que pretende estudar não se sabe bem o quê. O que se chama hoje de Física? O mundo material? O que é exatamente “o material”? A própria noção do que seria “o material” é problemática, não vamos encontrar esse termo no vocabulário das Tradições, e há razões profundas para isso, mas que neste contexto não podemos nos estender.

É interessante observar como foi a trajetória do gradual desaparecimento no Ocidente pós-medieval de todo o cabedal de conhecimento espiritual desses povos tradicionais até chegarmos aonde estamos, e como isso é importante para que possamos ter elementos para um caminho de recuperação interior. Aqueles que se formaram e vivem nesta cultura ocidental necessitam fazer uma revisão dos caminhos dessas perdas, afim de se situar e poder avançar. Penso que essa é uma das tarefas do karma ocidental, avaliar por onde foi que se desviou. É preciso muita humildade para rever algumas ilusões, pois a ilusão nos mantém rodando em círculos.

Já na época dos gregos - e o Ocidente é herdeiro da cultura dos gregos e romanos - esta noção de Infinitude divina era de difícil acesso para eles. Os gregos tinham uma dificuldade de lidar com isso. E muitas vezes os

gregos foram em direção aos povos circunvizinhos orientais buscando um pouco de socorro, principalmente na fase final do mundo grego. Foram buscar entre os egípcios e na Ásia Menor recursos de conhecimento metafísico. Isso denota certo enfraquecimento do mundo grego. Sócrates, Platão e Aristóteles foram os últimos pensadores gregos a falar ainda em Metafísica. Já se estava em um período de rápida decadência final do mundo grego. Sócrates foi levado a tomar cicuta não porque ele tivesse sido um contestador social, mas porque falava sobre verdades supremas para um povo grego que já não mais conseguia compreendê-las e aceitá-las.

Platão, como discípulo de Sócrates, também teria de lidar com essa fase terminal do mundo grego, tentando falar sobre verdades que para a mente já obscurecida do povo grego daquela época se tornava cada vez mais impenetrável. E Aristóteles representa um momento de mais um passo na queda. Os ensinamentos platônicos sobre os Arquétipos, as Idéias divinas, com Aristóteles essa compreensão fica mais difícil ainda e o racionalismo com Aristóteles já se amplia bastante.

Em Aristóteles, o lado intuitivo de Platão já está bem mais enfraquecido, e o compensatório esforço racional de sistematizar o conhecimento metafísico é bem visível. O racionalismo, o recolhimento da intuição e a exacerbação do racionalismo não é algo tão recente quanto se pensa, já vem do séc.VI a.C. Inclusive daí vinha o sentimento de pânico. Esta palavra pânico, como vimos, vem de Pan, o deus Pan que simbolizava a presença divina em todas as coisas. Quando o deus Pan se recolhe, os seres sencientes ficam sem apoio. O mundo está entregue a si mesmo, já não há mais essa ponte divina, a corda que ligava o Céu e a Terra se rompeu. Aquele povo ou civilização não tem mais por onde se socorrer.

Assim, já no período de Aristóteles, a queda mental do Ocidente já estava bastante avançada. Com isso temos o fim do mundo grego. Nesse período ocorreu também a dispersão do povo judeu, o cativo da Babilônia. Este período marca uma fase de obscurecimento espiritual em muitos povos da humanidade. Na Pérsia é codificado o Zoroastrismo. Desaparecem os Olmecas na América Central, surgindo a civilização Monte Alban (que quer dizer “branco”), com a escrita e muitas cidades. Adaptações ocorrem nos povos da península do Yucatan. E também na



Gália, com as construções de templos. Na China a Tradição separa-se em Taoísmo e Confucionismo, com Lao Tsé e Confúcius. Essas perdas ou adaptações das Tradições existentes expressam esses esforços de recuperação parcial das vias espirituais obscurecidas. Não é por acaso que o Buddhismo surge também nesse período na Índia. E no mundo grego amplia-se a hegemonia da Polis, a solidificação, o predomínio aristocrático, em detrimento da autoridade espiritual.

Nesse contexto particular do Ocidente, o Cristianismo surge como opção espiritual para uma civilização já sem opções, pois que o Império Romano irá logo entrar em decadência em questão de quatro ou cinco séculos. E quando estudamos o mundo romano, percebemos que os romanos também tinham grande dificuldade com a intuição. O lado formal, jurídico e exterior com os romanos é bem mais marcante do que era para os gregos. Basta ver como o povo judeu via os romanos, como bárbaros, não apenas por serem estrangeiros, mas por ser a força, a lei e o Estado o grande suporte mental do mundo romano. E o quanto os egípcios, a própria Cleópatra, achavam muita dificuldade em dialogar com este mundo romano, devido também a essa grande distância de sutileza interior.

Assim, quando o mundo grego e romano se decompõem, o racionalismo já estava bastante forte como tendência do Ocidente. O Cristianismo, do ponto de vista tradicional, representa uma reabertura de uma via espiritual para os povos ocidentais. Mas como o Cristianismo era um caminho puramente interior - *dai a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus*, ensinava Cristo - não havendo por isso grande preocupação em explicar o mundo exterior, ao menos em seus primeiros tempos, a ciência não era a grande tônica dentro do mundo medieval cristão, embora estivesse presente.

Para constituir um certo sistema de saber analítico, o Cristianismo se utilizaria posteriormente do mundo grego de Aristóteles. São Tomás de Aquino se apoiaria no mundo racional grego aristotélico. O Cristianismo romano fez uma opção por Aristóteles e não por Platão. Foram poucos, como Santo Agostinho, que se sensibilizariam por essa herança intuitiva do mundo platônico. *A Suma Teológica* é o grande esforço racional de São Tomás de Aquino para compor uma ciência e teologia cristã

utilizando certos fundamentos aristotélicos onde a razão se sobrepõe à intuição.

Não era esse entretanto o propósito inicial do Cristianismo, em criar ou discutir ciência. Como não o é no Buddhismo também. O Buddhismo está muito mais interessado no caminho da realização interior do que nas discussões filosóficas sobre como é o Cosmos, por exemplo. Como vias interiores, não é de seu âmbito a preocupação em constituir uma ciência Cosmológica. Aliás, certas correntes budistas consideram que a prática de muito explicar só confunde mais, incitando na mente as dúvidas e mais dúvidas. O perigo do diletantismo mental ficam bem claro na história daquele homem que ferido por uma flecha, tombado ali no chão, não queria que retirassem a flecha do seu peito sem antes saber como era o homem que o alvejara, se era alto, era baixo, se o arco era grande, de que direção vinha e assim por diante. Com isso, Buddha exemplificava esse risco, quando o que importava era livrar-se, o mais rápido possível, da flecha do sofrimento.

Por isso, muitos mestres budistas dizem que muitas explicações podem mais confundir que esclarecer, mas no contexto da atual dificuldade do mundo moderno, as explicações tem forte razão de ser.

Essa tendência racional, essa dificuldade de se entender e penetrar a realidade metafísica vai se aprofundar mais no Renascimento. Quando estudamos este período tão vangloriado pelo Ocidente, a ponto de ser denominado “Renascimento”, percebemos que foi um movimento que tentou recuperar o que era mais exterior do mundo grego e romano. Que na verdade o Renascimento, esclarece René Guénon, foi a morte de muitas coisas (1).

Pretendeu-se chamar esse período de “Iluminismo”, de “Era das Luzes”, mas o que significou o caminho do Ocidente a partir do século XIV? Significou um afastamento maior ainda desta capacidade do Homem entender dentro de si o que seria intuitivo, aquilo que é do reino da Metafísica, do espiritual. A Física dos gregos deixou de ser a ciência da Natureza entendida como Cosmos, ou o Samsara condicionado referido pelo Buddhismo, e passou a ser uma tentativa de ser uma ciência do “mundo material”, uma construção mental do que seria um “mundo

físico”, o qual não sabemos muito bem o que quer dizer na linguagem dos físicos de hoje a palavra e a ciência da Física. Perdeu-se a ligação da Física com a Meta-Física. Não é por acaso que só no Ocidente desses tempos é que iria surgir os devaneios sobre os UFOs, as interpretações distorcidas de que os seres divinos primordiais seriam astronautas extraterrestres, o culto da ficção científica e tantas outras divagações cósmicas confundidas com espiritualidade. E tantas vulgarizações com o pretensioso nome de esoterismo (2).

Dentro do universo estruturado das Tradições, todas as ciências possuíam as conexões com o mundo espiritual. Eram estudos do mundo condicionado segundo vários pontos de vista, aquilo que na tradição hindu se denomina dos *darshanas*. Mas todos esses pontos de vista ligavam as realidades do nosso mundo com o que lhe é superior, pois é esse Eixo que dá significado a cada coisa do nosso mundo. Pois nosso mundo não existe por si mesmo, não sendo auto-suficiente, não tem a sua própria auto-explicação. Não é portanto autônomo. *Nomos* no sentido da Lei. Não tem em si a sua própria Lei. É dependente. Não se entende o Filho sem se conhecer a Mãe, dizem os taoístas. Conheça a Mãe e conhecerás o Filho. É necessário a conexão do plano manifesto com seu fundamento transcendente.

A Astrologia, ciência que estudava o simbolismo celeste, se perdeu e reduziu-se à Astronomia, um registro dos corpos celestes. A Alquimia, estudo simbólico da Natureza, reduziu-se à Química. A Psicologia surgiu com o propósito de se construir uma ciência do psiquismo humano, projeto que ignorou quase que totalmente o fato de que há uma ciência do psiquismo já formulada há séculos dentro do corpo de conhecimento de cada Tradição. Então o que havia de novo na proposição de fundação da Psicologia no Ocidente? O pressuposto insustentável de tentar constituir uma ciência do psiquismo sem o princípio espiritual que governa o psiquismo. Uma tentativa de entender a mente por si mesma, compreendendo-se a mente aqui como realidade apenas psíquica e não espiritual. Curar a mente, como se fosse possível curar o Filho sem conhecer a Mãe. Como se o psiquismo pudesse se auto-medicar. Como se pudessemos conhecer e governar o psiquismo sem conhecer o seu princípio transcendente. São apontamentos que aqui colocamos para futuros maiores desenvolvimentos.

Também a Matemática, na época dos gregos, era uma ciência espiritual tradicional, pois os números, as formas, a geometria e as operações eram traduções, no mundo manifesto, de verdades transcendentais. O número Um era um tema de meditação sobre o simbolismo da Unidade, o número dois sobre a dualidade, e assim por diante. Entre os Pitagóricos, mesmo no período de decadência do mundo grego, havia ainda essa tentativa de compreender certas realidades buscando sempre conectá-las com a realidade espiritual, pois o conhecimento do mundo manifesto através do apoio das ciências também era uma forma de ascese espiritual. Voltar para Casa através destas pontes.

Esta é a diferença fundamental entre as ciências tradicionais e as ciências modernas. É apenas um erro de ponto de vista colocar ciência em conflito com a religião ou a Metafísica. É apenas no Ocidente que se criou esta imagem de conflito ciência-religião. É um erro de posição. Por que? É simples. A Metafísica, ou a Religião, respondem pela realidade dos princípios transcendentais, o divino supra-cósmico, e as ciências se referem ao domínio do mundo fenomênico, o mutável, o Cosmos. Um refere-se ao *noumenon*, *asankhata*, *nibbāna*, o Incondicionado. E o outro ao mundo do *phenomenon*, *sankhata*, o *Samsara*.

Disso, tiramos duas conclusões simples: o pretensioso conflito que assistimos incontáveis vezes ser colocado nos debates das Universidades entre a Metafísica e a Dialética é um equívoco de postura, pois a Metafísica e a religião se referem ao Incondicionado, aos princípios imutáveis e a Dialética, com suas ciências, ao mundo condicionado, do devir. São portanto planos diferentes. Hierarquicamente integrados dentro de uma Tradição. A relação só passou a ser vivida como conflito no Ocidente pós-medieval porque a relação hierárquica vertical entre ambas foi desconsiderada e convertida em opostos no mesmo plano horizontal. E o “cientificismo”, espécie de crença cega na autoridade inquestionável das ciências modernas se erigiu em verdade, cabendo aos pensadores e aos homens leigos e simples escolherem, se aderem a esta crença na ciência moderna ou se ficam para trás na “superstição das religiões”. Que operação mental tenebrosa!

Podemos ir além. Pretendeu-se também com isso renegar o fato de que

as ciências dos povos tradicionais fossem ciência. Que seriam apenas “superstições” relegadas ao passado pré-científico. Novamente a noção do que é uma ciência. As ciências tradicionais também são ciências, mas sua diferença com as ciências modernas é que aquelas ligam cada plano de realidade a seus princípios transcendentais. Já as modernas, a Astronomia, a Química, a Física, a Psicologia, a Matemática Moderna, e tantas outras, nasceram exatamente dessa tentativa de “rebelião contra o Céu”, de desconectar o mundo fenomênico de suas origens transcendentais, de suas bases superiores. Talvez isso sim seja uma crença e superstição. Como professor de Antropologia por muitos anos na Universidade pude observar com clareza isto. E que estas ciências desconectadas produziram muito mais dúvidas e inquietações mentais do que verdades que acalmam a mente com rumos seguros para a humanidade.

Pretende-se construir uma ciência dos galhos renegando-se a raiz. É claro que por esse caminho não se vai conseguir juntar nunca esses galhos. Isto é uma outra superstição do mundo moderno, a de que é só uma questão de tempo para que as ciências modernas avancem no seu caminho de descobertas e depois irão juntar tudo. Quanto mais se avança no estudo do galho, mais vai se indo para a periferia, pois está se indo para o mundo quantitativo. Os homens foram para a Lua e trouxeram pedras que estão lá encostadas em algum museu e isso não trouxe nenhum esclarecimento para a humanidade, a Lua continua lá no céu falando de uma verdade simbólica que todo mundo intui quando olha para ela. Quando olhamos para a Lua, não ficamos pensando sobre o material de suas pedras. Há uma outra realidade simbólica superior que está tocando a mente dos seres humanos. “E disse Deus: *Haja luminárias na expansão dos céus, para haver separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais e para tempos determinados e para dias e anos*” (Gênesis, 1-14). Sinais como **símbolos** de realidades superiores.

A perda do simbolismo na inteligência do Mundo acompanha esse caminho de esvaziamento espiritual das ciências. Também criou-se um outro tipo de superstição moderna, a de que o conhecimento se faz pelo avanço da quantidade de informações. E como as informações não tem fim, pois detalhes se estendem no plano do indefinido, estamos assistindo esse impasse caótico do mundo moderno, acumulando em

centenas de bibliotecas milhares de informações na crença de que haveria um saber progressivo na quantidade, sem saber qual é a natureza verdadeira das coisas. E para que serve o conhecimento.

A dominação da ideologia científica se estende a ponto de se pretender atrelar as religiões à rédea das ciências, através da construção de uma “ciência da religião”. Projeto equivocado, pois a religião refere-se ao domínio do divino imutável, e seu caminho passa pelos recursos da meditação, da intuição e outras práticas cognitivas, enquanto a ciência refere-se ao mundo da mudança e pode mobilizar recursos de alcance secundário e limitado, como a razão, o pensamento. Retomaremos este ponto mais adiante, a propósito da meditação e reflexão como formas de realização do ser e conhecer.

A metafísica budhista aparece desenvolvida em um dos três conjuntos da Canon Pali da escola Theravada, o **Tipitaka**, as três grandes coleções ou "Cestas" de textos dos ensinamentos do Buddha, compilados pelos monges após sua morte. Fazem parte do Tipitaka, o **Sutta-Pitaka**, "a Cesta dos Ensinamentos", o **Vinaya-Pitaka**, "a Cesta da Disciplina", e o **Abhidhamma-Pitaka**, "a Cesta da Análise". Embora em todo o **Tipitaka** estejam contidos os múltiplos aspectos do ensinamento do Buddha, é no **Abhidhamma-Pitaka** que encontramos com detalhes os princípios doutrinários da metafísica budhista. Parte do que aqui apresentamos sobre a tradição budhista é baseado no **Abhidhamma**, cuja leitura e estudo recomendamos aos leitores interessados no aprofundamento da compreensão e prática budhista.

***Notas***

(1) Muitos dos temas que aqui estamos discorrendo estão ricamente desenvolvidos nos vastos e profundos escritos de René Guénon. Junto com outros autores como Ananda e Rama Coomaraswamy, Frithjof Schuon, Marco Pallis, H.S. Nasr, Titus Burckhardt, trouxeram uma valiosa contribuição para a crítica aos fundamentos da filosofia ocidental moderna, bem como para o conhecimento correto das doutrinas tradicionais milenares.

(2) Sobre a importante questão do perigo da pseudo-espiritualidade no mundo moderno, suas idéias e seitas, veja as sugestões de leitura no final do livro, em **Fontes Suplementares**, cap.IV, Primeira Parte.

**V**

**Nosso Tempo**

**Ilustração XIII**

Te atentes, ao difícil deste Tempo.

E assim nós chegamos ao nosso mundo ocidental com sua tendência, a desacralização do mundo. Cada vez que um cientista olha para uma realidade e a vê apenas como coisa, ele também de um certo modo está matando aquele ser. Desacralizando-o. Esta desacralização do Cosmos está intimamente ligada com a destruição da natureza, tema de grande preocupação nos dias de hoje. A natureza está sendo devastada, e por que?

A ambição de nossa época vê a natureza apenas como coisas a serem manipuladas, como apenas um objeto de uso com o qual não se tem nenhum compromisso ou dever. Sobre esse tema, recomendo o livro precioso de H.S.Nasr, *O Homem e a Natureza*.

Quando se destrói algo como as Cataratas de 7 Quedas, para construir uma represa, e se apresentam os milhões de quilowatts que ganhamos em troca, em nenhum momento se fala: mas é uma Verdade que estava ali naquelas cataratas, verdade que foi fechada para nosso espírito! Apresenta-se sempre apenas o lado da quantidade de coisas que se pode arrancar da natureza como sendo o grande projeto da humanidade. O projeto do bem-estar material. Se esquece que todos os seres são espelhos para o homem entender sua realidade espiritual.

Quando se apaga um espelho, está se empobrecendo não só os seres todos, como também rebaixando o próprio projeto da humanidade. E o que significa uma humanidade que tem apenas um projeto de bem-estar, de satisfazer apenas a sua necessidade material, como grande objetivo? E quando se fala em objetivos culturais, muitas vezes a imagem dominante que se veicula é a de uma visão do cultural como uma espécie de diletantismo mental, a cultura de livros, filmes, eventos que parecem outra forma de ambição e gula. Não se percebe que uma cultura, quando não tem uma base espiritual, se transforma em divagações superficiais.

Quando apagamos os espelhos da natureza, como uma catarata ou espécies animais ou árvores, estamos fechando para nós mesmos as portas de nossa compreensão espiritual, iludidos de que os benefícios materiais justificam a devastação de outros seres. Buddha compreendeu que a avidez (**tanhã**) enraizada no fundo de nossa mente é uma fome que não tem limites. É um poço sem fundo. É um quero-quero que não se sacia. Esta avidez é a raiz de toda nosso sofrimento. As vezes ouço as pessoas falarem: não se pode ser contra as conquistas tecnológicas. Mas a questão é não é bem essa, ser contra ou a favor. A questão é o quanto de sedução e dependência isso cria em nossa mente, nos afastando da visão clara do que seja a verdadeira realidade da existência.

Quando tentamos alertar sobre as conseqüências corporais e psíquicas desse desenfreamento mercantil de nossa época - e as ciências, ao se desacralizarem a si mesmas e ao Cosmos, vem contribuindo decisivamente para isso servindo de instrumento das grandes ambições do mundo econômico atual - observamos ante a isto muitas pessoas, e letradas, anteporem apenas as imensas vantagens tecnológicas desse caminho. Uma professora me disse certa vez: Veja! é bom que hoje haja a possibilidade de um transplante e um parente seu possa viver mais alguns anos. Eu digo: Sim, é bom. Mas qual o custo global de cada conquista? O quê foi perdido para se ganhar em cada nova oferta? A alegria de alguns anos de vida custou qual conjunto de novos sofrimentos? Quando caminho alegre pelas ruas em um dia de sol, estou atento para os seres que meus sapatos pisam?

Ninguém seria ingênuo de negar as vantagens de certas conquistas tecnológicas em vários campos da vida prática, como da medicina, informática e outros. Mas não será que por detrás dessa defesa tecnológica está a avidez e a ignorância, querendo fazer destas conquistas tecnológicas toda nossa razão de ser nesta existência? Não parece que elas tenham trazido verdadeira felicidade para as pessoas. O que é a verdadeira felicidade? É a felicidade permanente, a que não muda com as condições. As coisas do mundo podem trazer apenas uma felicidade temporária. Tão logo as condições que a criaram mudam - e condições mudam sem parar - a experiência da felicidade temporária passa, e estamos de volta com o sofrimento e a insatisfação. Se olharmos as sociedades tradicionais, que são materialmente menos desenvolvidas, vemos que elas ainda preservam e cultivam esses valores espirituais da simplicidade, da solidariedade e da compaixão, e experimentam com isso um nível mais profundo de felicidade.

Talvez nosso desafio não seja simplesmente viver mais alguns anos por este mundo, mas compreender com clareza qual é o nosso verdadeiro projeto dentro desta efêmera existência e realizar com sabedoria esse projeto. A ignorância de nosso tempo é crer que o significado da vida é o deleitar-se com experiências físicas e mentais prazerosas. Há uma redução do ser humano a uma espécie de grande boca que devora, ou quer devorar, cada vez mais coisas e sensações confortáveis.

Pensa-se: bom, assim que tivermos as coisas confortáveis, podemos pensar daí nas coisas do espírito. Este é um truque mental muito engraçado. Quando estudante de Engenharia, no período de conflito sobre enfrentar ou não o desafio de mudar meu rumo para a Antropologia, vinha freqüentemente este truque na mente. Que primeiro eu ganharia muito dinheiro e depois iria confortavelmente fazer o que quisesse. Não nos perguntamos se na verdade tudo aquilo que estamos jogando fora, para ganhar esses poucos brinquedos, não está custando o

empobrecimento de nosso mundo interior. Qual o custo de cada obsessão? Os quilowatts são mais importantes para o nosso caminho que a verdade espiritual das Cataratas das Sete Quedas? Como se a luz elétrica desses quilowatts de energia fossem a própria paródia da luz interior. O preço da luz elétrica não está sendo o obscurecimento da luz interior?

É preocupante a coisificação que o mundo moderno vem fazendo da realidade e dos homens. Neste reducionismo o homem vem perdendo a trilha para seu caminho interior. Isto é o que se denominou de Humanismo. Reduzir o homem a ser apenas terrestre, cortando a corda que o ligava à sua origem celeste. E a Filosofia também contribui participando deste projeto de rebaixamento.

Lembremos que a Filosofia nasceu no Ocidente. O primeiro que falou em Filosofia foi Pitágoras. Filosofia quer dizer: **Filos-sofia**, amor ou amizade para com a Sofia, a Sabedoria. A filosofia era uma espécie de pré-disposição, um degrau para se conhecer a verdadeira Sabedoria, o conhecimento da realidade transcendente. Quando o mundo grego, em decadência no séc. VI aC., não mais conseguia penetrar a Sabedoria diretamente, então buscou uma via indireta, uma escada. Diante das condições de obscurecimento mental, Pitágoras procura realizar essa tarefa de sistematização do saber. Mas a sistematização se prende à razão, em detrimento da intuição e da visão mítico-espiritual. A sabedoria metafísica seria substituída por esta mediação que o mundo grego criou, mediação chamada Filosofia. *Amigos da Sabedoria*. Mas o próprio caminho do racionalismo grego ocidental iria pouco a pouco transformar o que era escada em um fim em si mesmo. Já não haveria mais uma sabedoria transcendental como objetivo, a escada virou propriamente o terminal do conhecimento, de tal modo que não se podia mais pensar no mundo ocidental em conhecimento que não passasse por esta forma de Filosofia.

O mundo intelectual no Ocidente, a Universidade, a cultura, giram hoje em torno quase apenas desse tipo de visão de homem e sociedade sem espírito. Mas este tipo de visão não consegue mais oferecer alternativas promissoras para a solução dos problemas da humanidade, justamente por causa desta amputação espiritual que houve no saber metafísico. Todas as tentativas de juntar as ciências modernas acabou em bastante discussão, muito cafêzinho, e depois cada um volta para a sua Faculdade. Como professor de Antropologia, percebemos muito este beco-sem-saída. Um projeto de juntar as várias ciências em uma interdisciplinariedade, que oferecesse uma visão não tão particular e estreita, esbarrou na fraqueza deste tipo de conhecimento sem Centro.

O que poderia juntar as Faculdades, que é exatamente o projeto de uma Universidade, é o Universal, é o eixo Metafísico, que é a base das Tradições. Mas o orgulho dos intelectuais seculares é ainda muito grande, em virtude dessa própria formação secularizada e distorcida. Buddha compreendeu que os seres humanos só mudam de perspectiva quando o sofrimento os colocam numa situação de crise. Só a partir daí pode surgir a humildade e a sabedoria necessárias para curvar o ego perante o Espírito e redirecionar o caminho. Enquanto isto não ocorrer, o que vamos ter é a reação aversiva, visto que aos intelectuais lhes parece ter sido um progresso libertar o conhecimento de suas âncoras religiosas. Metafísica e espiritualidade ainda são mal vistas pelos intelectuais e cientistas, chegando em alguns casos até ao anti-espiritual. Quando se aponta a fragilidade destas bases intelectuais, as mentes remexem-se nas cadeiras irritadas e vão saindo um a um para os cafés. O propalado rigor científico se mostra neste momento ser mais uma palavra de efeito do que uma realidade efetiva. Por isto o Universal do Transcendente ainda não pôde aparecer, a Universidade no sentido profundo não se fez realizar e no digladiar das partes as faculdades se mantêm fechadas em seus interesses particulares. As Universidades arriscam-se a permanecer assim como um corpo sem cabeça, onde os membros trabalham desconectados, cada um por si.

Analogicamente, ocorre o mesmo dentro do microcosmos que é cada ser humano. Nossas faculdades mentais, ao perderem a direção de seu eixo transcendente, passam a guerrear-se entre si e com o mundo exterior, ao sabor de suas ambições e desejos. Daí a sensação de vivermos

fragmentados. Perdemos a capacidade de conviver harmoniosamente conosco mesmo e com o mundo. Não temos paz porque a nossa mente está mergulhada na ilusão da ignorância, que se alimenta da pressão dos círculos de amizade, profissional, familiar e social, criando um sentimento de solidão e medo, de ser mal visto, rejeitado e até despedido se começar a se falar em Metafísica e espiritualidade. Mas apesar da aversão ao espiritual ainda ser forte, algumas pessoas de bom senso e mente perspicaz já estão percebendo a necessidade de se recuperar a compreensão do saber espiritual.

Se quisermos superar a fragmentação externa, precisamos compreender que ela é a exteriorização de nossa fragmentação interna. E que sua superação exige redescobrirmos a nossa interioridade espiritual, o que não é uma tarefa muito muito agradável para o ego. Mas se barrarmos o rio, reprimindo esta força que é a presença divina dentro de nós seres humanos, então a doença surge, a mente se enfraquece, o mundo se incendeia. O corpo, por ser dirigido pela mente, se torna vulnerável. Nossos recursos vão ser dilapidados de uma clínica a outra, de uma seita a outra, de um grupo de apoio social a outro, vitrines e hipermercados.

Existe uma conexão muito íntima entre a desespiritualização do mundo moderno e o consumismo. A história do capitalismo evidencia muito bem o quanto foi necessário dismantelar os valores da cristandade, seja banindo-os seja os cooptando em seus projetos de expansão colonial com todas as conseqüências dolorosas não apenas para a população européia como também para as populações nativas das Américas, África e Ásia. Foi necessário libertar mais a gula do ego para erigir o projeto de devorar o mundo. Toda a máquina montada sobre a égide da produção precisa de seus escravos que não apenas mantenham a produção mas que consumam os objetos produzidos. Talvez antes de propalarmos só as vantagens da produção industrial, devêssemos experimentar o que seja trabalhar uma vida inteira em uma fábrica agüentando o lidar com aquele mundo de máquinas. Talvez o sofrimento se torne mais visível. E dele brote grande compaixão. E da Compaixão a Sabedoria e da Sabedoria a verdadeira Paz, caminho de Buddha.

Paz para o convívio da simplicidade. Compreender e pacificar as tendências da dominação, sobre a Natureza, sobre os seres. Possa o feminino rebrotar, intuição, ofuscada pelo racionalismo, o masculino excessivo poder, de apossar, tomar, devastar, trator arrasando florestas. Prepotência mental exacerbada, que por já não ter diálogo para cima, está correndo enlouquecido para baixo, violência interior na mente, centurião afoito arrasando, desespero.

Rever estas tendências dos tempos, recolocar a mente em posição correta dentro de nós mesmos. E dela as ações meritórias. Retomando o Caminho da Sabedoria e Saúde. *Que a vida dura só um dia, Luzia. E não se leva nada deste mundo.*



**Ilustração XIV**